



Luís Miguel Preto Batista é natural de Castelo Branco, onde nasceu em 04-10-1968. Reside no Entroncamento há 29 anos.

Licenciado em História pela Universidade Autónoma de Lisboa – “Luís da Camões” (U.A.L.), em 1990, é, actualmente, *Professor do Quadro de Nomeação Definitiva* na Escola E.B. 2,3 – Febo Moniz – Almeirim.

O seu trabalho de investigação sobre a área dos concelhos ribatejanos de Entroncamento, Golegã e Vila Nova da Barquinha iniciou-se, ainda, na tese de licenciatura, onde tratou o tema “*CARDIGA OU A HISTÓRIA DE UMA QUINTA*” – cuja súmula foi publicada na “*Revista da Escola Superior de Educação de Santarém*”, em Setembro de 1993.

Foi membro da “*Comissão das Comemorações do Cinquentenário da Benção e Inauguração da Igreja Paroquial do Entroncamento*”, altura em que publicou o estudo intitulado “*Alguns Elementos para a História da Igreja no Entroncamento*”, na revista comemorativa do referido Cinquentenário (1992).

Em 1995, viu publicado o seu livro “*Os Casais das Vaginhas*” pela Câmara Municipal do Entroncamento, cujo lançamento esteve integrado nas “*Comemorações do Cinquentenário do Concelho do Entroncamento*”, e que conheceu a 2ª edição um ano depois.

Em 1996, publicou a biografia de “*José Duarte Coelho: O Homem e o Autarca*” na revista comemorativa do 70º aniversário da criação da Junta de Freguesia de Entroncamento.

Em 1997, preparou, anotou, e comentou o livro “*Elementos para a História da Paróquia do Entroncamento*”, da autoria do Rev.º Pe. Martinho Mourão e de parceria com a Dr.ª Manuela Poitout, publicou o livro “*História da Imprensa no Entroncamento*”. Estes lançamentos estiveram integrados nas comemorações do 50º aniversário do jornal “*O Entroncamento*”.

Desde 1994 colabora no jornal “*O Entroncamento*” e, mais recentemente, no jornal “*Novo Almourol*”.

De entre os projectos educativos a que deu o seu contributo destaca-se a área de “*História ao Vivo*”, subordinada ao tema “*Feira Medieval*”.

Em 1992, participou e dinamizou, na “*Escola Secundária de Caneças*”, um dos referidos projectos. Em 1994, foi a vez de se empenhar num projecto idêntico na “*Escola Preparatória e Secundária de Riachos*”.

Nas duas foi co-autor da edição de um *Roteiro* sobre *Feiras Medievais e a Idade Média*. No *Roteiro* de Riachos foi responsável pela publicação do *fac-simile* do original, ainda inédito, da “*Carta de Feira de Torres Novas*” (1273), sua transcrição e tradução livre.

Actualmente, está a trabalhar na identificação, recolha e estudo de fontes documentais com interesse para os concelhos de Entroncamento, Vila Nova da Barquinha e Golegã, ao mesmo tempo que frequenta o Mestrado em *História Regional e Local*, na Universidade Clássica de Lisboa.

Luís Miguel Preto Batista

Os Casais das Vaginhas



CÂMARA MUNICIPAL DE ENTRONCAMENTO
2000

Luís Miguel Preto Batista

*Os
Casais
das
Vaginhas*

FICHA TÉCNICA

Título da Obra: "Os Casais das Vaginhas"
Autor: Luís Miguel Preto Batista
Editor: Câmara Municipal de Entroncamento
Ilustração da Capa: *Capela de São João Baptista das Vaginhas*
em Janeiro de 1982
Execução Gráfica: Entrobit, Lda. – Entroncamento
Impressão: Gráfica Almondina, Progresso e
Vida – Torres Novas
Tiragem: 1.000 ex.
Depósito Legal: 158380/00



Edição da Câmara Municipal de Entroncamento
– 2000 –

DEDICATÓRIA

- A Simoa, quem quer que tenha sido...
- A São João Baptista, o Precursor...
- Ao Rev.^{do} Pe. Armando Delgado Marques, à Comissão de Obras de Recuperação e ao Bom Povo de Entroncamento, que, pelas suas iniciativas, esforço, dedicação e donativos, reconstruíram a Capela de São João Baptista das Vaginhas em 1982/83;
 - A todas as Comissões de Festas de São João, especialmente à de 1913, que nos deixou uma magnífica fotografia de grupo e à de 2000, onde se destacou a figura do Sr. João Marques, já falecido, que mesmo doente não deixou de dar o seu melhor em prol da Comunidade Cristã.
 - Ao velho bairro das Vaginhas que, infelizmente, vai desaparecendo:

*"Todos os males se curam
Com os remédios da botica
Só as saudades não saram
Quem as tem, com elas fica".*

(Quadra popular de Idanha-a-Nova)

PREFÁCIO

*"As origens dos Casais das Vaginhas e do seu nome
perdem-se na memória dos séculos".*

Assim escreve Luís Miguel Preto Batista, autor da obra que aqui se apresenta, contrariando a tese simplista de que o Entroncamento é uma terra sem História. Neste e noutros trabalhos que estão agora em curso, o jovem historiador Luís Batista conta-nos, com minúcia, todas as informações que conseguiu obter sobre o passado mais longínquo deste lugar, que é agora o Entroncamento.

O seu trabalho, sempre inacabado, como ele próprio refere é, para mim, um documento fundamental, uma referência indispensável, um ponto de partida para outros estudos sobre o Entroncamento. Permitam-me, pois, que o felicite nestas breves linhas, pela sua coragem e persistência, característicos de um bom investigador, na pesquisa e posterior divulgação pública das informações aqui contidas. O autor revela, aliás, uma grande tenacidade na busca de informações, bem patente nas inúmeras transcrições apresentadas e na diversidade das fontes de informação obtidas.

Licenciado em História pela "Universidade Autónoma de Lisboa" em 1990, Luís Batista tem-se debruçado nestes últimos anos sobre diversos aspectos da história deste concelho. O seu trabalho de investigação sobre a nossa região iniciou-se ainda na tese de licenciatura, onde tratou o tema "*Cardiga ou a História de uma Quinta*", trabalho que foi já publicado, embora de forma resumida, na "*Revista da Escola Superior de Educação de Santarém*", em Setembro de 1993.

Publicou o estudo intitulado "*Alguns Elementos para a História da Igreja no Entroncamento*", em 1992, na *Revista Comemorativa do 50º Aniversário da Igreja Paroquial de Entroncamento*. Posteriormente, publicou outros livros, onde se destacam um estudo sobre "*A Quinta da Ponte da Pedra*" e outro, de parceria com a Dr^a Manuela Poitout, sobre "*A História da Imprensa no Entroncamento*".

A perspicácia e dinamismo de Luís Batista está, pois, bem patente, neste e noutros trabalhos, sendo de enaltecer a sua dedicação ao estudo da História desta terra à beira das linhas férreas plantada.

José Manuel de Oliveira Simões

INTRODUÇÃO

As Vaginhas e a Capela de São João Baptista fazem parte da memória colectiva dos habitantes de Entroncamento.

Embora existam, sobre estes locais, alguns apontamentos dispersos, publicados pelo grande jornalista que é o Sr. Eduardo O. P. Brito, senti que era minha obrigação investigar sobre algo mais do que aquilo que já se disse e escreveu sobre as Vaginhas.

A ideia de realizar este estudo surgiu, assim, da necessidade de preservar por escrito aquilo que se vai perdendo na memória das gentes e na destruição inevitável (?) do progresso.

Como sabemos, em tempos mais recuados não se escrevia sobre lugares tão pequenos, como os Casais das Vaginhas.

Alguma notícia segura, sobre estes casais, aparece-nos como um apêndice da sede de freguesia - Atalaia.

Foi este o caminho que segui: investigar tudo o que dissesse respeito a Atalaia.

Em suma, este trabalho aparece, pois, como o resultado da sistematização dos conhecimentos que consegui adquirir sobre as Vaginhas.

Ao longo das minhas investigações, de há alguns anos a esta parte, fui contactando, coleccionando e investigando os artigos e a figura de Júlio César de Sousa e Costa.

Desconhecido da maioria do grande público, Júlio Costa (1), era um funcionário público que em 1904 viera exercer as suas funções para Vila Nova da Barquinha, como *Secretário da Administração do Concelho*. Historiador amador nas horas vagas, a ele se devem pesquisas e registos do maior interesse para a história da região.

(1) Cf. "*Biografia de Júlio de Sousa e Costa*" (1877-1961), da minha autoria in jornal "*O Entroncamento*", nº 939 (08/01/1998), p. 11.

Recentemente, no arquivo pessoal de Eugénio Dias Poitout, antigo presidente da nossa edilidade, foi encontrado um papel manuscrito pelo punho do próprio Júlio Costa, onde se revelam factos da maior importância sobre os *Casais das Vaginhas*. Está completo o puzzle, pois apareceu a peça que faltava: o destino tem por vezes acasos felizes!

Ninguém pode retirar o mérito ao Sr. Eduardo O. P. Brito, de ter sido, durante décadas, o *fiel guardião da memória colectiva* e da tradição oral fixada em suporte escrito por aquele outro historiador autodidacta, que foi Júlio Costa.

Porém, como diz São Paulo, chegou o tempo de deixarmos de ver *de maneira confusa, como por um espelho*, e de observarmos a realidade tal como ela é. Descoberta a fonte, deixamos de beber, obviamente, das águas das cisternas.

Em 1999, comemoraram-se os 450 anos (08/12/1549-1999) do primeiro documento histórico sobre os *Casais das Vaginhas*. O facto, que passou despercebido a muitos, foi comemorado através de uma *Exposição de Arte Sacra* sobre a *Capela de São João Baptista das Vaginhas*. Esta foi organizada por nós para a C.M.E., tendo decorrido em Junho, integrada nas *Festas da Cidade e São João*.

Tal comemoração só foi possível graças à nossa investigação e à publicação da primeira edição deste livro em 1995, que deu a conhecer tal documento.

Que este livro sirva para dignificar os, quase, 500 anos de existência dos *Casais das Vaginhas*, enriquecendo culturalmente o *Entroncamento*: são estes os nossos votos !

Antes de terminar, desejamos agradecer à Câmara Municipal de *Entroncamento* o interesse que manifestou na terceira edição deste livro, que fica assim novamente ao dispor de todos os que intentem conhecer melhor *Os Casais das Vaginhas*.

Entroncamento, 24 de Novembro de 2000

Luís Miguel Preto Batista

I - O LUGAR

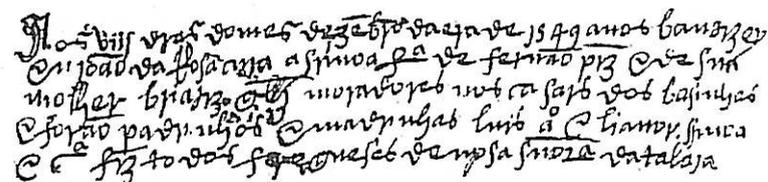
As origens dos Casais das Vaginhas e do seu nome perdem-se na memória dos séculos.

Estes casais, lugares muito mais antigos do que o próprio *Entroncamento*, aparecem já referenciados no 1º Livro de Baptismos da Paróquia de Atalaia. Nele ficou registado o nome de uma criança do sexo feminino, Simoa, cujos pais habitavam nos "*casais das bajinhas*"

Este registo de baptismo remonta ao ano de 1549 - meados do século XVI, imaginem !

Deve ser, provavelmente, o documento mais antigo que existe sobre as Vaginhas, uma vez que as poucas folhas que antecedem este registo e que compõem a abertura do 1º Livro de Registo de Baptismos de Atalaia não lhe fazem ainda menção.

Eis o fac-simile do documento.



Hoje dias do mes de dezembro da era de 1549 anos bautizey/
Eu joão da Rosa cura a Simoa filha de fernão p(e)r(e)z E de Sua /
molher briatiz g(onda)ll(ve)z moradores nos casais das bajinhas / E
forão padrinhos E madrinhas Luis a(fonso) E lianor Simoa / E c(at)h(a)
r(i)na f(er)rande(z) todos fregueses de nosa S(en)hora d'atalaia

Para facilitar a sua leitura apresenta-se a seguir a transcrição do mesmo :

Aos 8 dias do mes [de] deze(m)bro da era de 1549 anos bautizey/
/Eu joão da Rosa cura a Simoa f(i)l(h)a de fernão p(e)r(e)z E de Sua /
/molher briatiz g(onda)ll(ve)z moradores nos casais das bajinhas / E
forão padrinhos E madrinhas Luis a(fonso) E lianor Simoa / E c(at)h(a)
r(i)na f(er)rande(z) todos fregueses de nosa S(en)hora d'atalaia.

A explicação para o número de padrinhos, em uso na época, encontramos-na na obra de Oliveira Marques, "*A Sociedade Medieval Portuguesa*", quando diz, na página 151:

"Logo aos oito dias após o parto se determinava o baptismo da criança. Tanto nobres como plebeus seguiam este costume. O baptizado devia fazer-se na igreja, por um sacerdote, excepto em caso de emergência. O número de padrinhos (compadres) era geralmente de três, dois homens e uma mulher se a criança pertencia ao sexo masculino, duas mulheres e um homem, se se tratava de uma menina".

Através das ilações tiradas do presente texto historiográfico, pode-se facilmente depreender que Simoa nascera no dia 1 de Dezembro de 1549. Deste facto podemos retirar duas ideias:

a) A circunstância de ter sido baptizada 8 dias depois do seu nascimento vem-nos demonstrar que, durante as nossas Idades Média e Moderna, seguia-se, ainda, o costume judaico da atribuição do nome.

Entre os Judeus, como se sabe, era aos oito dias após o nascimento que se atribuíam o nome aos bebés, altura em que os recém-nascidos do sexo masculino eram circuncidados. Dois exemplos deste facto são as atribuições dos nomes a João Baptista e a Jesus, descritos no Evangelho de S. Lucas (Lc. 1, 59; Lc. 2, 21).

b) Simoa foi baptizada no dia em que a Igreja Católica Romana comemorava, e continua a comemorar, a Conceção de Maria, Mãe de Jesus, sob o título de "Imaculada Conceição".

Com efeito, desde 1320 que o Bispo de Coimbra, o francês Raymond Evrard determinou "(...) que na nossa igreja catedral de Coimbra façam festa em cada um ano, no oitavo dia do mês de Dezembro, no qual a Virgem gloriosa Santa Maria foi concebida, assim como a fazem pelas outras terras" (1).

Efectivamente, em França havia muito tempo que se divulgara a referida devoção. Se bem que em Portugal esta Festa se tenha demorado a impor, durante o séc. XV ela foi-se consolidando.

Seguramente, em 1549, já por todo o país se celebrava a "Festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora" como dia de preceito.

II - A ORIGEM DO NOME

Quanto à origem do nome Vaginhas é difícil descortinar qual tenha sido. Porém, proponho-me apresentar duas tentativas que não passarão, talvez, de meras hipóteses.

A primeira prende-se com a etimologia latina da palavra.

Será que o termo baginhas deriva do étimo latino *baccina(m)* que quer dizer erva-moura?

Não esqueçamos que a erva-moura, erva-moira, erva-moura-mortal ou tomateiro bravo (cujo nome científico moderno é *Solanum Nigrum*) é natural dos países do Sul da Europa, ou seja da Europa Mediterrânica na qual Portugal se integra, e que produz umas pequenas bagas negras.



Solanum nigrum
Erva-moura

A palavra baginhas poderia ter evoluído da seguinte forma:
baccina/bacina/bagina/baginha/baginhas/vaginhas.

Observemos, passo a passo, esta lenta transformação.

1º A palavra *baccina* sofre a simplificação da consoante dupla C e passa a *baçina*.

(1) Oliveira Marques, ob. citada, p. 161.

2º A consoante C de *baçina* passa a G pelo fenómeno conhecido por sonorização. Desta forma aparece a palavra *bagina*.

3º O N da palavra *bagina* talvez tenha passado a NH por influência do I. Desta forma aparece a palavra *baginha*.

4º Por oscilação fonética, o B de *baginha* passa a V e temos a palavra *vaginha*.

É claro que a palavra que aparece para designar os *Casais* que estamos a estudar aparece no plural: *baginhas*, hoje *Vaginhas*.

Quanto à grafia, ela aparece-nos de várias formas, segundo a percepção auditiva que o escriba tinha dela. Assim podemos observar:

- Séc. XVI: *bajinhas* (1); *bagui(n)has* (1); *baginhas* (1);
- Séc. XVII: *baginhas* (2); *vaginhas* (2); *Baginhas* (2);
- Séc. XVIII: *baginhas* (2); *Baginhas* (3); *Beijinhas* (4); *vaginhas* (2); *Vaginhos* (5);
- Séc. XIX: *Vajinhas* (6); *Vaginhas* (7); *Vaginas* (7);
- Séc. XX: *Vaginhas* (8).

Vimos, desta forma, a possível evolução fonética e gráfica do termo *Vaginhas* desde a sua origem até à actualidade, tentando encontrar o seu significado real.

Não esqueçamos duas premissas essenciais:

- "Uma língua viva está em constante evolução";
- "É o Povo que faz a Língua".

(1) in "*Primeiro Livro de Registo Baptismal da Paróquia de Atalaia*" (1544 - 1638); Arquivo Distrital de Santarém.

(2) in "*Segundo Livro de Registo Baptismal da Paróquia de Atalaia*" (1647 - 1741); A.D.S. .

(3) in "*Corografia Portuguesa*", Pe. Carvalho da Costa, Tomo III, 1712.

(4) in "*Visitação de 1760*".

(5) in "*Diccionario Geographico*", Pe. Luís Cardoso, 1º Vol., 1747.

(6) in "*Vajinhas*", por Júlio de Sousa e Costa; Jornal "*O Entroncamento*", nº 188 (30/11/1954).

(7) in "*Terceiro Livro de Registo Baptismal da Paróquia de Atalaia*" (1859 - 1870); A.D.S. .

(8) Grafia corrente em nossos dias.

A segunda hipótese que quero apresentar prende-se com um nome que aparece num dos primeiros registos de óbito na Paróquia de Atalaia.

Remontando ao ano de 1549, aparece um nome que nos fará pensar um pouco : Álvaro Fernandes Baginha. Será que esta alcunha ou apelido seria frequente na zona, adoptando as pessoas nome de lugares?

Ou será que o nome *bajinhas*, primitiva designação dos nossos Casais das Vaginhas, não terá sido primeiramente o nome de algum antigo habitante do lugar, ou de Atalaia, que assim terá deixado o seu nome ligado à toponímia?

Em suma, a questão é esta: teria algum habitante dado o seu nome ao lugar?

Ou teria sido o lugar a emprestar a alcunha a algum habitante, como seria o caso de Álvaro Fernandes?

III - A LOCALIZAÇÃO

Os *Casais das Vaginhas* ocupavam as zonas correspondentes aos actuais largos das “Vaginhas” e de “São João Baptista”. Neste último existia um poço e depois fez-se a capela.

Como não existem documentos que se refiram às *Vaginhas* individualmente, quanto à sua localização, temos que nos orientar pela localização que nos é dada relativamente à *vila de Atalaia*. Assim, diz-nos o Pe. António Carvalho da Costa na sua “*Corografia Portuguesa*” (1) que “A *Villa de Atalaya* (...) fica tres legoas de *Thomar para o Poente* (...)”.

Em 1758 escreve o Prior de Atalaia, em resposta ao “*Inquérito Paroquial*” desse ano, que “*Esta villa de Atalaya* (...) está situada em hũ monte distante do Rio Tejo quazi meya legoa ao Norte, e da Corte que he sua *Capital*, dezanove legoas; (...)”.

Desta villa se avistão as da Golegã que he hũa legoa, a da Chamusca que são duas, a de Santarem que são cinco (...) e a villa de Ourem que dista desta tres legoas” (2).

Creio que as mesmas distância se aplicam, aproximadamente, aos *Casais das Vaginhas*.

Apresenta-se, à frente, um mapa por nós concebido sobre a região das *Vaginhas* no século XVI.

A Região dos Casais das Vaginhas / Ribeira da Atalaia, no séc. XVI (1504)(1), antes da mudança de curso do Rio Tejo.



1 Vejam-se os mapas: “*Séculos XIII-XIV (...) O termo de Torres Novas*” e “*O Concelho de Torres Novas no séc. XVIII*”, in “*Torres Novas e o seu Termo no Meio do Séc. XVIII*”, de João Carlos Lopes, 1998.

(1) Tomo III, cap. IV, p. 127, publicado em 1712.

(2) A.N.T.T., “*Dicionário Geográfico*”; Vol. 5; Fól. 730.

IV - A REGIÃO

Os Casais das Vaginhas pertenciam, nos meados do séc. XVI, à vila de Atalaia, cuja Igreja Paroquial tinha como orago Nossa Senhora da Assunção .

Pertencia, também, à vila o lugar da "Mota" ou "Mouta", hoje Moita do Norte.

Na região situava-se ainda a Quinta da Cardiga, pertença dos Freires da Ordem de Cristo.

Contudo, esta caracterização da região não satisfaz a nossa curiosidade !

Examinemos, mais atentamente, a região onde se erguiam os Casais das Vaginhas: dois nomes nos vêm à ideia – Ponte da Pedra e Ribeira de Santa Catarina.

Quanto ao local da Ponte da Pedra, a sua origem parece ser bastante antiga, tendo Eduardo O. P. Brito encontrado referências a este local que remontam a 1147: só é pena que não refira a fonte onde colheu tal informação.

No número 564 do jornal "O Entroncamento" (Janeiro de 1980) escreveu :

"(...) viemos a saber, por exemplo, que por alturas de 1147, D. Afonso Henriques, «ao recrutar homens, víveres e utensílios (sobre-tudo escadas), para reforço das hostes que tinha concentradas em Punhete» (antigo nome da vizinha vila de Constância), havia passado por um local denominado «Encruzilhada de Ponte da Pedra», onde descansara, com o seu séquito, aproveitando, para o efeito, umas barracas ali, então existentes, tudo levando a crer que até as aproveitasse para nelas pernoitar»(...)"

No entanto, e apesar desta referência, os documentos com notícias seguras sobre a Ponte da Pedra e a sua Quinta só aparecem mais tarde, como veremos adiante. Nessa zona situavam-se o vale e a Ribeira que se vieram a chamar "da Ponte da Pedra".

Durante o séc. XVI e meados do séc. XVII, ainda toda essa Ribeira tinha o nome de "Ribeira de Atalaia". Como se sabe, a Ribeira de Atalaia, actualmente, perde o seu nome nas imediações

da Quinta da Ponte da Pedra, para se passar a chamar "Ribeira da Ponte da Pedra". A forma como a dita ribeira ganhou este nome foi objecto de estudo de um outro nosso trabalho, já publicado e intitulado "A Quinta da Ponte da Pedra".

Sobre a denominação de "Ribeira de Santa Catarina" aplicada ao curso de água que hoje conhecemos por este nome, a informação mais antiga que descobri, encontra-se no *Tombo da Comenda da Cardiga*, redigido no ano de 1504.

O tomo era o nome jurídico do registo de propriedade da altura. Nele aparecem, pormenorizadamente descritos, todos os bens da Comenda da Cardiga, pertença da Ordem de Cristo. Esse documento refere-se à Ribeira de Santa Catarina, quando descreve a courela número 41. O documento inicia-se desta forma:

"[1504 - 26 de Fevereiro]

Tombo dos Bens e propriedades direytos/ jurisdições, e Comendas que a Ordem de Nosso Senhor/ JESV christo tem na sua Vila de Tomar, e seus termos, Com outras partes /(...)

Tombo da Comenda da Cardiga.

(...) [À margem esquerda] *Courela 41ª*

Item Outra Courella que se chama a Requeyxada e parte ao levante com a Rib(e i)ra de S(a n t a) Catherina, e ao ponente pelo vallado velho d(i t)o e ao Canto da Ermida ao norte entesta em terra dalmourol e ao Sul no Comaro da Vinha da Ordem E é tão larga como o d(i t)o Serrado, e Vinha leva de largo ao norte dezasseis estis, e de longo leva vinte e quatro. (...)"

Lisboa, A.N.T.T., Conventos de Tomar, Ordem de Cristo, Maço 30, Doc. s/ nº, fl. 120 vº.

No que diz, ainda, respeito à existência da Ribeira, ou antes, do Ribeiro de Santa Catarina, é-nos dada uma segunda informação, indirectamente, por um Padre, Freire da Ordem de Cristo, Feitor da Quinta da Cardiga no séc. XVI.

O documento onde tal nome é referido transcreve-se a seguir. "1735, Tomar, Abril, 6, traslado do seguinte documento:

Parte do livro Das Lembranças do que fizeram os priores do Convento (1529-1630) em que se fala das obras de arroteamento praticadas na Cardiga.

(...) Paragrafo 5º fes me o Pº Dom Prior Frei Jnnocencio o velho com seus deputados Feytor da Cardiga estando eu então por samchristão em Nossa senhora da Luz e sendo de idade de trinta annos, e achando os P.es. que procedia e o fazia bem fuy eleito por capitulos gerais para este mesmo officio de feitor mais de quatro vezes afora esta primeyra vez e asim fui Feito sinco vezes.

Paragrafo 6º A primeira vez que se me entregou estava tão desfeita que nem Boys tinha bem para Laurar tendo ainda campo o qual Laurey, e houve anno que recolhi trezentos e trinta moyos de todo o pam.

Paragrafo setimo, vendo eu que o Tejo // [115] hia comendo o campo e que o havia de leuar todo como se vê tem leuado me mety por terras arnoyzas comprando terras e Rompendo todos os matos que herão da Caza.

Paragrafo 8º assim Rompi hum cazal que chamão do negro (...)

Paragrafo nono junto a este marquei outro Cazal que chamarão da Cotouia que parte delle Rompi e merquei (sic) muntas terras que estam juntas e passão o Ribeyro de Santa Catharina e chegam a hum marco grande que puse se vê pegado ao caminho//

[115 vº] E procegue o dito liuro com muntas mais obras que o mesmo Reverendíssimo Dom Prior fez asim na dita quinta como em toda a Religião (...)"

Lisboa, A.N.T.T., *Conventos de Tomar, Ordem de Cristo*, Maço nº 30, doc. n.º2 (vermelho), fl. 114 vº a 115 vº (numeração nova)" (1).

Por estes documentos, pode-se concluir que já no séc. XVI (1504 e 1529) a Ribeira de S.^{ta} Catarina era conhecida por este nome, tal como actualmente.

O culto de S.^{ta} Catarina, a mártir de Alexandria (séc. IV) é atestado na região por uma Visitação de 1760 (que, adiante, analisaremos em pormenor).

Nela podemos observar que, pelo menos, numa igreja e numa capela esta santa era venerada. Eram elas: Igreja de Santiago da Vila

(1) Este documento encontra-se já publicado por João José Alves Dias, no seu artigo intitulado "Uma grande obra de engenharia em meados do século XVI. A mudança do curso do Rio Tejo", in Revista "Nova História", nº 1, pp. 81-82, Junho de 1984.

de Torres Novas (onde lhe era consagrado o altar colateral, da parte da epístola) e a Capela de São João Baptista, hoje igreja matriz, de Pedrogão (onde lhe era consagrado o altar, da parte do Evangelho).

Quanto à Ribeira de Santa Catarina, sabe-se que nascia, onde é, hoje, o lugar de Olhos Marinhos (Casais da Charneca - Meia Via), segundo a "Carta Militar de Portugal" (1/25.000) do Serviço Cartográfico do Exército, passava próximo dos Casais das Vaginhas, indo desaguar na Ribeira da Cardiga e esta, por sua vez, no Rio Tejo.

Esta última informação pude recolhê-la na cópia do "Primeiro Mappa Topographico dos Campos da Cardiga, Almourol e Martintina" existente na Quinta da Cardiga. Este mapa é o mais antigo, e talvez o único que existe hoje, sobre a nossa região.

Pelas legendas inscritas neste mapa ficamos a saber que o original foi feito em Dezembro de 1783, por Manuel Caetano de Sousa, Sargento-Mor de Engenharia, "por ordem de Sua Magestade" (D. Maria I).

A cópia existente na Quinta da Cardiga, foi feita por Francisco da Costa Mortilhão, em Vila Nova da Barquinha, aos 18 de Junho de 1874, para ser oferecida ao Sr. João Rebello Farinha. Este mapa é de grande importância, porque representa a nossa região antes da mudança do curso do Rio Tejo, o que ocorreu nos meados do séc. XVI.

A "Ribeira de S.^{ta} Catarina" foi durante séculos um importante marco divisório entre a freguesia de Santiago (Torres Novas) e a vila de Atalaia (hoje, freguesia pertencente ao concelho de Vila Nova da Barquinha).

Tal situação só foi alterada com o aparecimento do comboio e da povoação denominada "Entroncamento". A partir daí, passou a ser a linha férrea o marco divisório entre Torres Novas e Atalaia.

Antes de encerrar este capítulo do nosso trabalho, será interessante recordar o percurso da Ribeira de Santa Catarina, uma vez que já poucos saberão por onde ela corre, pois encontra-se coberta servindo de esgoto à cidade de Entroncamento.

Assim, podemos ver que correndo desde a sua nascente, os já citados Olhos Marinhos, passa junto ao Casal do Grilo, Casal da Texugueira, Casal da Galharda (junto à Igreja de N.^a Sr.^a de Fátima),

Cópia do "Primeiro Mappa Topographico dos Campos da Cardiga, Almourol e Martintina", existente na Quinta da Cardiga.



passa em frente do *Centro de Saúde*, passa por baixo do "*Viaduto Eugénio Dias Poitout*", atravessa o "*Largo do Centro de Convívio para a 3ª Idade*", a "*Rua 5 de Outubro*", a "*Rua D. João II*", corre paralelamente e cruza-se com a "*Rua Luís Falcão de Sommer*" (onde ainda há pouco tempo se podia observar uma ponte em cimento: hoje as guardas da mesma foram já retiradas).

Segue o curso desta Ribeira por detrás das "*Galerias Rulys*" e restantes edifícios situados junto a elas, cruza-se com a "*Avenida Dr. José Eduardo Vítor das Neves*", cruzando-se, igualmente, com a "*Rua do Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro*". Continua o seu curso junto ao extremo oriental do *Centro Social Paroquial*, atravessa a "*Rua da Esperança*", a "*Rua da Caridade*", o *Bairro da Coferpor*, passa junto da *Escola Preparatória "Dr. Ruy de Andrade"*, já sem cobertura, e pelo *Casal do Conde*, indo desaguar na *Ribeira da Ponte da Pedra*; esta por sua vez desagua no Tejo, junto ao *Palácio da Quinta da Cardiga*.



Pormenor do 1º Mapa Topográfico dos Campos da Cardiga.

V - A POPULAÇÃO E SUAS OCUPAÇÕES

A população dos Casais das Vaginhas, nos séculos XVI a XVIII, seria escassa, pois a acreditar no Pe. Carvalho da Costa, todo o termo (área territorial que o concelho abrangia, excluindo a vila; arredores) de Atalaia teria duzentos e cinquenta vizinhos (habitantes dos concelhos medievais e modernos), distribuídos por três lugares (*Moita, Casais das Vaginhas e Barquinha*) – isto já nos inícios do séc. XVIII.

A este respeito podemos, ainda, observar o "Numeramento de 1527".

Tendo em vista proceder à remodelação das "Comarcas do Reino", determinou D. João III que se apurasse o "número" da ocupação do reino. Essa tarefa, incumbida aos Corregedores e iniciada no ano de 1527, somente cinco anos mais tarde, em 1532, foi concluída.

Neste cadastro da população do Reino, também aparece a Atalaia e o seu termo.

Eis o que se diz:

"Registro das çidades vilas e logares que ha em esta comarqua da Estremadura e dos moradores que ha em cada hum delles O qual se fez por mandato del Rey noso senhor.

Feito por Jorge Fernandez escrivão da Chancelaria da dita comarqua. Foy começado aos 15 dagosto em a çidade de Coimbra do anno de noso Senhor Jhesu Christo de 1527 annos (1).

(...) A vylla d' Atalaya

It. Esta vila d' Atalaia, que he de dõ Jorge de Meneses, tem 147 vizinhos no corpo da vila.

Titulo do seu termo: - It. Aldea da Mouta tem 62 vizinhos. - Tem mais 23 [?] casaes no cerqoyto do termo da vila e(m) que ha 23 vizinhos. E tem de termo mea legoa pera totalas partes.

(1) A.N.T.T.: "Povoação da Estremadura no XVI Século"; fl. 2; Núcleo Antigo, nº 293.

Parte cõ a vila da Ceiceira e cõ a vila de Torres Novas e Tanqos, e cõ ho termo de Santare(m). Segundo mais cõpridamente tenho por assinado do juiz e esprivão dahi. - Jorje Fernandez o esprevy.

Soma ao todo, 232 vizinhos" (1).

Como se pode observar, pelo exposto, existiam alguns casais no termo da vila de Atalaia. Desta forma pode-se aventar que as Vaginhas já existissem em 1527, sendo um desses tais casais. Uma vez que existem documentos comprovativos da sua existência em 1549 (já atrás observámos esse registo baptismal) é muito possível que, em 1527, já existissem os Casais das Vaginhas.

É ainda de referir a admiração que causa a existência de tão grande número de casais no termo da vila de Atalaia: 23!

Atrevo-me a dizer que tal é um lapso do escrivão, uma vez que o Pe. Carvalho da Costa, em 1712, aponta apenas, como já vimos, três lugares para o termo de Atalaia.

No entanto, não deixa de ser interessante verificar o aumento populacional havido nos lugares e casais do termo de Atalaia entre 1527 e 1712: um acréscimo de 165 pessoas (de 85 - incluindo a Moita - para 250 habitantes).

Em termos percentuais estes números significam um aumento de 194.1% na população do termo de Atalaia em menos de dois séculos!

Quanto às principais ocupações da população das Vaginhas, elas estariam ligadas, certamente, à agricultura e à pastorícia.

O Pe. Carvalho da Costa diz na sua obra "Corografia Portuguesa" (2) que o termo de Atalaia " (...) he fertil de pão [trigo], azeyte, vinho, frutas, gado & tem uma grande coutada, aonde ha muyta caça (...)"

Desta forma, os habitantes das Vaginhas ocupar-se-iam na agricultura das suas próprias terras, no cultivo das terras do concelho de Atalaia e ainda no das terras da Quinta da Cardiga, como mão-de-obra assalariada. Trabalhavam ao dia (jorna) - seriam jornaleiros, quando deles necessitassem.

(1) *Idem*; A.N.T.T.: "Povoação da Estremadura no XVI Século", fl. 94; Núcleo Antigo nº 293; Encontra-se já publicado por A. Braamcamp Freire, in "Arquivo Historico Portuguez"; Vol.VI; nº 7; Lisboa, Julho de 1908; pp. 265, 266.

A nota anterior encontra-se na mesma obra, na p. 243.

(2) Tomo III, cap.IV, página 127, publicado em 1712.

VI - AS HABITAÇÕES

As casas dos *Casais das Vaginhas* não deviam diferir muito das da região, no século XVI e seguintes.

Para termos uma ideia de como seriam as casas do nosso povo, basta observarmos a obra do grande geógrafo que foi Orlando Ribeiro : "Geografia e Civilização"

Nesta obra, o autor dedica um capítulo à "Civilização do Granito" no Norte de Portugal, e na página 19 do seu livro diz:

"Tudo ou quase tudo o que entre nós tem carácter perdurável foi levantado de pedra. Apenas no Sul, por influência muçulmana sobreposta a um antigo substratum peninsular, esta concorre com a taipa, o adobe e o ladrilho, dominantes em grande extensão do Alentejo na arquitectura popular (...). É provável que fosse (...) de tijolo ou taipa o mosteiro de Vacariça (...) a sua destruição foi tão completa que nem sequer se lhe encontrou o sítio. Talvez pela mesma razão a "real estância" de Almeirim, nos fins do séc. XVI residência predilecta da corte durante o Inverno, rodeada de grandes charnecas coutadas para o pasatempo da caça, é uma vila grande e insípida, onde nada recorda (...) aposentos reais e residências fidalgas"

Como é lógico, no Norte, onde a pedra (o granito) abunda, as casas seriam desse material; no Centro e Sul, onde abunda o barro (a argila), as casas seriam deste material: o adobe e a taipa, que a tradição árabe teria deixado no Sul do nosso país.

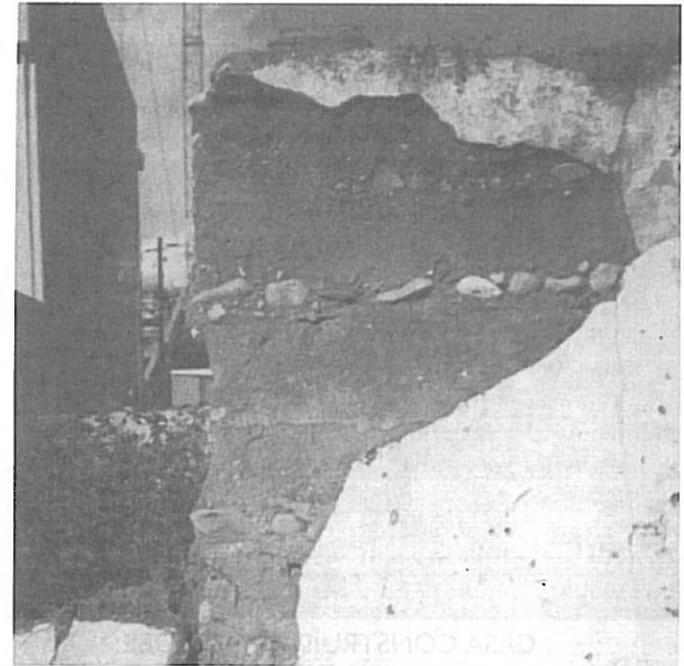
Sem termos que recorrer mais à sabedoria de Orlando Ribeiro, fiquemo-nos pelo texto que nos deixou F. Silva no Jornal "O Entroncamento" de 16/10/1986 quando nos fala sobre as casas das Vaginhas e a respectiva técnica de construção. Eis as suas palavras:

"(...) este processo de construção, (...) a "taipa" era um processo de "fabrico" de paredes bastante resistentes e que conferiam à habitação condições climatéricas que hoje não se conseguem com materiais muito mais sofisticados.

A taipa, dizíamos, era construída com o auxílio de dois "tabões" afastados entre si o equivalente à espessura da parede. Esse espaço

era ocupado por terra argilosa amassada com água e calcada. De quando em vez eram colocadas pedras - seixos - para haver uma descontinuidade do material base de construção. Claro que estas paredes tinham de ser convenientemente rebocadas com argamassa de cal e areia - regra geral saibro - e caiadas para evitar que as águas da chuva as destruíssem.

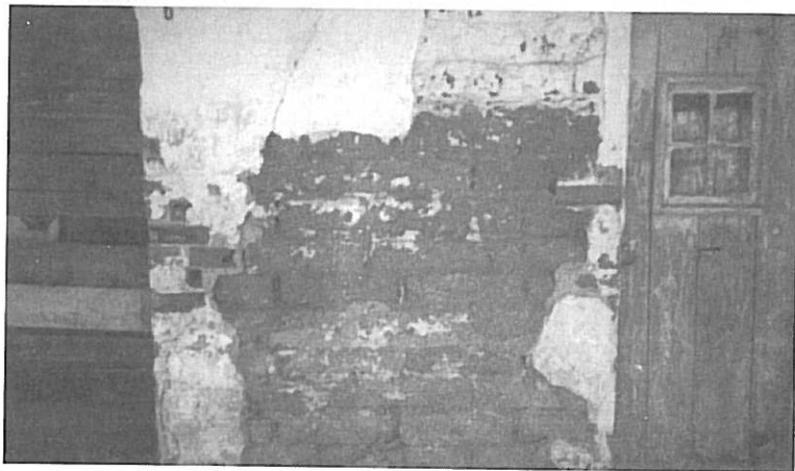
Outra característica de algumas das casas das Vaginhas é a existência de uma saliência chamada cimalha. Como se sabe, a cimalha nestes casos sustenta o beirado, dando a este um maior "balanço". A cimalha de que estamos a tratar é constituída por telhas do tipo mourisco - iguais às do telhado - e do próprio beiral mas colocadas em posição igual à das "coberturas". Também existem casos em que ela é formada por telhas na posição das goteiras".



PAREDE DE TAIPA, JÁ DESAPARECIDA:
"AV. DR. JOSÉ EDUARDO VITOR DAS NEVES".

Também Margarida Picciochi (1) ao falar sobre as casas antigas de Atalaia refere-se a um outro tipo de construção, por nós já mencionado: o adobe. Esta técnica também foi utilizada nas casas das Vaginhas. Ouçamos o que ela nos diz:

"Antigamente, as casas da Atalaia eram de um só piso, constituídas em adobe, porque o solo era rico em greda (espécie de barro muito macio. A greda é uma argila cinzenta clara). Esta era amassada e deitada dentro de moldes rectangulares de 35 por 30 cm. que, depois de secos ao Sol, formavam blocos de argamassa. Com eles se formavam as paredes e as casas ficavam à prova de humidade e bastante confortáveis. O essencial era que os telhados fossem bem construídos. Se a água penetrasse, através de qualquer goteira, no adobe, a massa ia amolecendo e as paredes acabavam por ruir. Este o motivo porque duravam pouco tempo e já não devem existir casas construídas desta forma. Talvez que ainda se encontre alguma. O chão, em vez de madeira, era de terra batida, provavelmente também em adobe. Nas traseiras, havia e ainda hoje há, um quintal com um forno, o qual era composto do "salão", em abóbada e o carvão de mina que o aquecia, fazia com que suportasse muito bem o calor".



CASA CONSTRUÍDA EM ADOBE:
"RUA PADRE MANUEL CAETANO".

(1) Na sua obra "ATA-LAA - ATALAYA - ATALAIÁ", in Jornal "Notícias do Entroncamento", n.º 181 (19/06/1987).

Antes de terminarmos este capítulo, queria ainda dar uma olhadela pelo interior da casa medieval e moderna, em Portugal.

Vejamos o que diz Sérgio Luís de Carvalho na sua obra "Cidades Medievais Portuguesas", no item dedicado a "As Ruas e as Casas": "(...) não é fácil estabelecer padrões precisos acerca da "casa medieval" (...). A casa era baixa (...) possuindo muitas vezes um jardim ou pomar anexo. (...) A luz penetrava dificilmente, quer devido à escassez de janelas, quer devido ao uso de portinholas de pau, (...).

Interiormente a casa tinha poucas divisões, e o número de móveis não era também grande. A peça mais importante era a cama, logo seguida da arca, cuja utilidade era tão vasta que até de leito podia servir. Poucas cadeiras, vários bancos, uma mesa e pouco mais, eram as restantes peças. A cozinha, além do fogão, dispunha de um completo trem de cozinha. Em habitações mais luxuosas, cobria-se o chão e as paredes. (...) Nas casas mais pobres espalhava-se palha a tapar o soalho de terra batida".

VII - A CAPELA DE SÃO JOÃO BAPTISTA

A) NA "COROGRAFIA PORTUGUEZA"

A crença e devoção religiosas da população cristã, naquele que viria a ser um populoso bairro do Entroncamento, era já bastante forte nos princípios do século XVII (1), pois nessa altura edificou-se nos *Casais das Vaginhas* a *Capela de São João Baptista*.

Construída com o produto das esmolas dos seus moradores e de outros devotos, esta capela criou um atractivo para a fixação de mão-de-obra que afluía para os trabalhos agrícolas da Quinta da Cardiga.

"Este facto e a circunstância de se encontrar perto da estrada que naquele tempo conduzia de Lisboa a Coimbra e posteriormente no entroncamento das estradas da Golegã, Torres Novas e Barquinha (2), fizeram desta Capela e do primitivo poço existente no seu adro como que um pequeno oásis na transição da Charneca arenosa dos montados do Sul do Tejo para a planície de cereais e hortas a Norte do mesmo rio" (3).

"A Capela de São João das Vaginhas foi construída no meio de um olival tendo o proprietário cedido o terreno gratuitamente. Havia lá um capelão". (4)

(1) A única referência publicada que encontrei e que refere directamente este século foi o artigo de Eugénio Dias Poitout, *"A Capela de São João"*, in *"A Hora (Jornal Ilustrado)"*, de 24 de Novembro de 1968, n.º 65 (2ª série) - XXIII Aniversário do Concelho de Entroncamento.

Eugénio Poitout recebeu esta informação através de dados que lhe foram fornecidos por Júlio de Sousa e Costa, num manuscrito datado de Setembro de 1949.

(2) Júlio Costa diz-nos em *"Folha manuscrita"*, Setembro de 1949, que: *"Havia em 1800 uma estrada que partia [da região] do Entroncamento para a Golegã e outra para Torres Novas"*.

(3) Eugénio Poitout, ob. citada - Texto com ligeiras alterações.

(4) in *"Folha manuscrita"*, por Júlio de Sousa e Costa, Setembro de 1949.

A Capela de S. João tinha um nicho incrustado na parede e nele uma bilha com água (1) e um cocho (pedaço côncavo de cortiça por onde se bebe água) para matar a sede aos viajantes.

Tal como acontecia em muitos lugares, eram os próprios reis que pagavam uma tença a um morador do lugar para que nunca deixasse faltar água fresca na bilha. Seguiu-se assim uma das obras de misericórdia: *"Dar de beber a quem tem sede"*. Exemplo do que acabo de dizer é a Capela de S. Jorge, em Aljubarrota.

Pode-se dizer com toda a segurança que a Capela de São João Baptista foi construída no séc. XVII, pois o primeira fonte escrita que a refere, a *"Corografia Portuguesa"*, do Pe. António Carvalho da Costa, já lhe faz referência no seu tomo III, publicado em 1712. Referindo-se à Atalaia diz-nos:

"A vila da Atalaya, (...) tem (...) estes lugares, a Barquinha junto do Tejo, com huma Ermida de Santo António, a Mouta com outra de N. Senhora dos Remédios, & os Casais das Baginhas, com outra de S. João Bautista"(2).

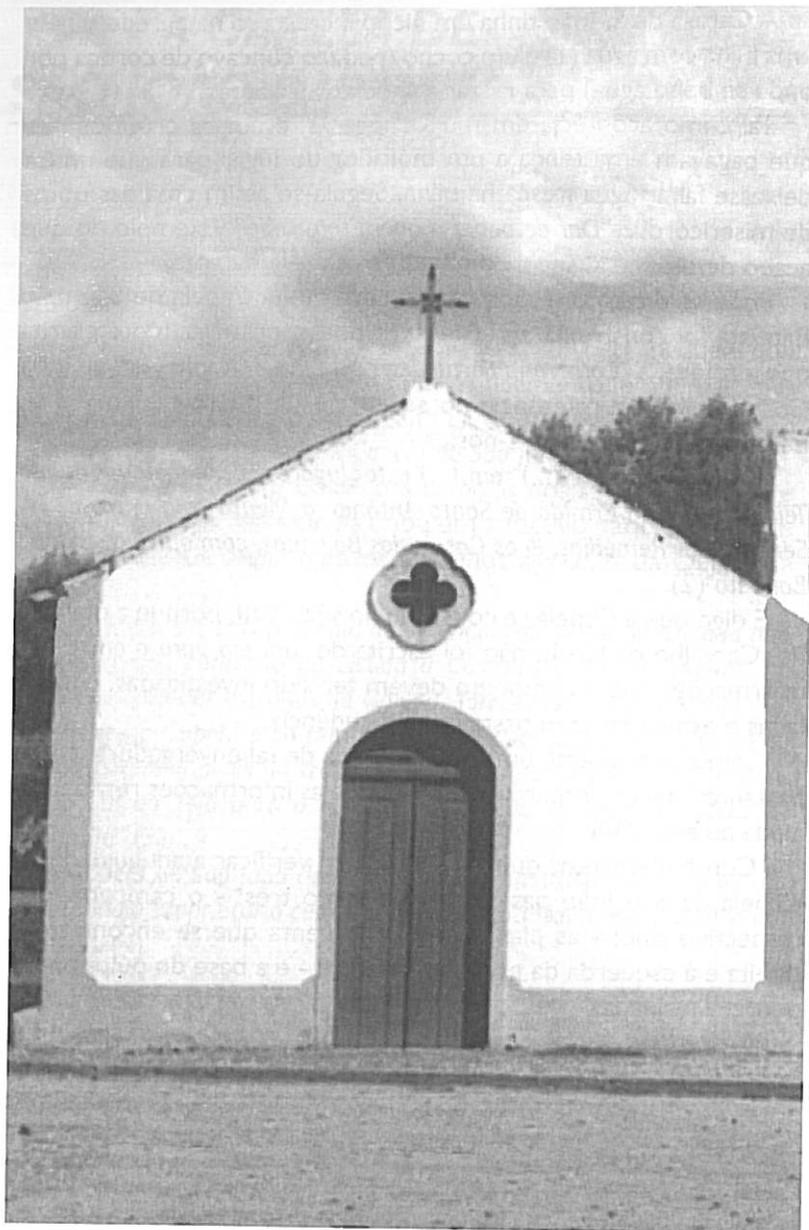
E digo que a Capela se construiu no séc. XVII, porque a obra do Pe. Carvalho da Costa não foi escrita de *"um dia para o outro"*; as informações que a compõem devem ter sido investigadas, compiladas e estudadas com bastante antecedência.

Como, regra geral, uma obra literária de tal envergadura levava bastantes anos a preparar, é de crer que as informações remontem ainda ao séc. XVII.

Como elementos que nos permitem verificar a antiguidade da Capela de São João das Vaginhas aponto três: - o campanário e respectivo sino; - as pias para a água benta que se encontram à direita e à esquerda da porta de entrada; - e a base do púlpito, em pedra trabalhada.

(1) A informação da existência do nicho com a bilha de água, na Capela de S. João, foi recolhida pelo Rev.º Pe. Armando Delgado Marques, aquando da reconstrução da capela, em 1982/83. Foi, recentemente, confirmada por D. Júlia Passos Diniz.

(2) Cap. IV, p. 127.



A Capela de São João reconstruída em 1734.

B) NOS INQUÉRITOS PAROQUIAIS

Em 1756, um ano depois do Terramoto de 1755, o Marquês de Pombal determinou a realização de um inquérito dirigido a todos os párocos do Reino, destinado a avaliar as consequências do sismo – são os famosos "Inquéritos Paroquiais de 1756".

Porém, como acontece com muitas outras localidades do Reino de Portugal, não se encontram as respostas do pároco de Atalaia.

Em 1758, a pedido do Pe. Luís Cardoso (membro da "Congregação do Oratório" e da "Academia Real da História", que estava a escrever o seu "Diccionario Geographico" – para quem os "Inquéritos Paroquiais de 1756", a exemplo de outros por ele mesmo já antes realizados, foram fontes de informações de inestimável valor), o Marquês de Pombal autorizou a realização de novos inquéritos muito mais detalhados do que aquele que ele próprio mandara realizar em 1756.

No "Inquérito Paroquial de 1758" aparece bem caracterizada a Vila de Atalaia e o seu termo, onde se encontravam os Casais das Vaginhas. Referindo-se à Atalaia diz o seu pároco:

"Junto a mesma villa nos seos arrabaldes estão duas Ermidas, hũa de S. Luis (...) e outra de N.ª Sr.ª da Ajuda, (...).

Alem destas há mais quatro Ermidas dispersas pelos povos donde se administra o Sacro viático aos enfermos, hũa de S. João no lugar das Baginhas, outra de N.ª Sr.ª dos Remedios no lugar da Mouta, outra de St.º António no lugar da Barquinha, e outra de N.ª Sr.ª do Recamadouro entre o lugar da Mouta e Barquinha.

Nesta freguezia se achão os Lugares da Barquinha, que he hũa grande porto de comercio por ficar junto ao Ryo Tejo, o Lugar da Mouta, Baginhas, Pedregozo, Togyra e Laveyros, e conterão em si todos com a villa seiscentos, e dois fogos, e mil nove centos, noventa, e sete pessoas de confissão.

Os frutos que ha na terra em mayor abundancia he azeyte que só deste comerção os seus moradores, porque o pão, e vinho he mui pouco, e muitos annos não chega para a terra".

A.N.T.T., "Dicionário Geográfico"; Vol. 5; Fólios 730 e 731; (1).

Do "Inquérito Paroquial de 1758" podemos ainda retirar a informação de que a vila "(...) no terramoto de 1755 não experimentou ruína notável". Creio que podemos dizer, sem perigo de errar, que o mesmo se poderá afirmar dos arredores e, claro está, da Capela de São João dos Vaginhas.

C) NAS VISITAS PAROQUIAIS

As visitas paroquiais são fontes históricas de valor incalculável para o estudo da História Local.

Os Serviços Culturais do Câmara Municipal de Torres Novas publicaram em 1992 o livro do Cónego Isaiás da Rosa Pereira, "Visitas Paroquiais na Região de Torres Novas (séc. XVII - séc. XVIII)". Nesta obra aparece uma visitação de 1760 onde se menciona a capela de São João das Vaginhas.

Vamos deixar falar o Cónego Isaiás Pereira e os documentos :

"O Concílio de Trento (Sessão XXIV, De reformatione, cap. 3) recomendou aos bispos que fizessem visitas frequentes às paróquias da sua diocese; mas esta legislação não introduziu qualquer elemento novo na acção pastoral do bispo, apenas urgiu uma prática antiquíssima.

Destas visitas ficavam relatos escritos, e conhecemos bastantes livros de visitas pastorais anteriores ao Concílio de Trento. Sabemos também que uma grande parte destes documentos desapareceu por incúria dos párocos e vicissitudes dos tempos.

As determinações tridentinas tiveram, porém, como consequência, durante os séculos XVII e XVIII, em Portugal, uma maior frequência

(1) Documento já publicado pela Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha em 1993. A obra onde este documento se apresenta é da autoria de Júlio Manuel Pereira e intitulada-se "A Região da Barquinha no Séc. XVIII. A visão dos inquéritos paroquiais".

desta actividade episcopal, embora na maior parte dos casos os bispos não fizessem pessoalmente a visita e enviassem delegados para esse efeito. Os registos que ficaram nas paróquias ou nas cúrias diocesanas são documentos de grande valor para o estudo da vida das populações nessas épocas.

(...) Em 1760, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Francisco de Saldanha, delegou no prior da paróquia do Lumiar, Feliciano Luis Gonzaga, a faculdade de fazer a visita canónica às freguesias que compunham os arciprestados de Torres Novas, Golegã e Erra (este presentemente integrado na diocese de Évora).

O visitador desempenhou-se conscienciosamente da sua missão, da qual nos ficaram dois documentos preciosos, integrados no Arquivo da Cúria Patriarcal, para o estudo da distribuição do clero nesta zona, a sua cultura e costumes, número e conservação das igrejas e capelas de cada freguesia, censo dos habitantes, e muitos outros elementos que o historiador poderá descobrir.

A visita realizou-se de 1 de Junho de 1760 a 4 de Agosto seguinte.

Os documentos referidos são: - MS 524, constituído por 13 fls. de papel (33,5cm.), datado de 6 de Novembro de 1760, com assinatura do visitador; tem o seguinte título: Informação dos párocos, clérigos e ordinandos que achei moradores em as freguesias dos arciprestados de Torres Novas, Golegã e Erra; - MS 506, constituído por 29 fls. de papel (33,5 cm.), sem assinatura do visitador; tem o seguinte título:

"LIVRO EM QUE SE ACHAM ESCRITAS AS FORMATURAS DAS IGREJAS, SUA NATUREZA, NÚMERO DOS BENEFICIADOS, O SEU RENDIMENTO, AS CONFRARIAS ECLESIASTICAS E LEIGAS, NÚMERO DOS ALTARES, SEU ORNATO, ESTABELECIMENTO E A QUEM SÃO DEDICADOS, OS NÚMEROS DOS FOGOS E DAS PESSOAS, OS DOS CONVENTOS, O DAS ERMIDAS E SUAS QUALIDADES, DOS ARCIPRESTADOS DAS VILAS DE TORRES NOVAS; GOLEGÃ E ERRA, ESCRITO EM A VISITAÇÃO QUE FEZ NAS DITAS IGREJAS, POR DECRETO DO EMINENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA, D. FRANCISCO DE SALDANHA, O PRIOR DO LUMIAR FELICIANO LUIS GONZAGA, A QUAL PRINCIPI-

OU EM O PRIMEIRO DE JUNHO DO ANO DE MIL SETECENTOS E SESENTA E FIMDOU EM QUATRO DE AGOSTO DO MESMO ANO".

Destas importantes fontes de informação para a História da nossa região, no séc. XVIII, vamos retirar alguns dados interessantes, a partir do segundo documento.

"Undécima Igreja - Nossa Senhora da Assunção da Atalaia.

(...) Consta esta freguesia de 611 fogos em que habitam 1963 pessoas, a saber 1747 maiores e 216 menores.

Tem toda esta freguesia nove ermidas, a saber uma dedicada a S. Luís (...). Tem mais a ermida dedicada a S. Sebastião (...). Tem mais a ermida de Nossa Senhora da Esperança (...).

A ermida dedicada à degolação de S. João Baptista em o lugar das Beijinhas que pertence ao povo do mesmo lugar. A ermida de Nossa Senhora dos Remédios do lugar da Moita (...).

Tem mais a ermida dedicada à Senhora do Reclamador (...).

Tem mais a ermida dedicada a S. João Baptista na ponte da pedra a qual pertence ao capitão mor de Torres Vedras Sebastião de Almeida Trigo o qual pertence a sua subsistência e fábrica. Tem mais a ermida dedicada a S. António no lugar da Barquinha (...).

Tem mais a ermida da Santa Casa da Misericórdia (...).

Todas estas ermidas e capelas não têm mais outro algum ornato do que aquele que precisamente é necessário para a celebração do santo sacrificio da missa".

Deste documento ficamos a saber algumas informações até agora desconhecidas:

- A *Capela das Baginhas* (*Beijinhas* é o termo utilizado no registo pelo visitador, tal como o povo do lugar pronunciava o nome do local onde habitava) era dedicada à *degolação de São João Baptista*.

Embora São João Baptista tenha sido morto por alturas da Festa da Páscoa, um ano antes da morte de Cristo, celebra-se a 29 de Agosto o seu martírio, por se ter encontrado, neste dia, a sua cabeça em Emeso, na Síria, no ano de 452.

Assim sendo, a festa religiosa da Capela das Vaginhas, em honra do seu santo patrono, não se celebrava a 24 de Junho (o nascimento), como hoje, mas sim a 29 de Agosto: a morte.

- Aparece a referência mais antiga (pelo menos que eu conheça!) à Capela da Quinta da Ponte da Pedra, que também é dedicada a São João Baptista (aliás, na região este era um Santo muito venerado, sendo muitas as capelas a ele dedicadas).

A Capela e a Quinta da Ponte da Pedra pertenciam a Sebastião de Almeida Trigo, Capitão-Mor de Torres Vedras : daqui era originária a família Trigo. O posto de capitão-mor correspondia a uma antiga autoridade que comandava, numa cidade ou vila, a milícia (corpo militar) chamada "*Companhia de Ordenanças*".

Pela toponímia, podemos ver que a ponte existente na região, e à qual a Quinta e a Capela foram buscar o nome, seria de pedra, remontando ao ano de 1625 (1).

- Todas as capelas do concelho de Atalaia tinham os ornatos necessários e indispensáveis para a celebração da missa : julgo que o cálice e a patena da Capela de São João Baptista (que se encontram, hoje, na *Igreja Paroquial da Sagrada Família do Entroncamento*) são dos séculos XVII/XVIII, pois têm linhas muito sóbrias, características destes séculos, denotando alguma antiguidade.

D) NO BARROCO

O estilo barroco predominou, na Europa, no século XVII e meados do século XVIII. Caracteriza-se pela abundância de linhas curvas e contracurvas, a irregularidade das formas, os jogos de luz e cor, entre outros.

Mais do que nos outros países, em Portugal, a pintura e a escultura surgem subordinadas à arquitectura barroca. Quanto às artes decorativas surgem, inegavelmente, ligadas às nossas igrejas, sobretudo na talha dourada.

É no reinado de D. João V (1706 - 1750) que o ouro e os diamantes do Brasil vão enriquecer as igrejas portuguesas, convertendo-se em magníficos altares de talha dourada.

Também à nossa região chegou algum ouro do Brasil logo transformado em talha dourada.

(1) Cf. "*A Quinta da Ponte da Pedra*", de Luís Batista, C.M.E., 1998, p. 39.

Na Visitação de 1760, que atrás analisámos, podemos encontrar referências a talha dourada na Igreja de Atalaia, quando se diz:

"Tem a igreja cinco altares, a saber o maior em que se acha o tabernáculo do Santíssimo Sacramento (...); este mesmo altar tem por seu decente retábulo de madeira [dourada] (...)".

Mais à frente diz-se ainda: *"Tem mais o altar colateral da parte do evangelho dedicado ao Santíssimo Nome de Jesus (...) não tem este altar e os outros, mais nenhum outro ornato que o seu retábulo de madeira entalhado"*.

Como se pode ver, o altar-mor da Igreja da Atalaia e os restantes 4 altares eram de talha dourada. Aliás, é sabido que foi a Direcção Geral dos Monumentos Nacionais quem em 1932, aquando da restauração da igreja, os retirou para conservar *puro* o primitivo estilo renascentista da igreja.

Também à Capela das Vaginhas chegou a talha dourada que lhe revestiu o retábulo do altar e um conjunto de seis castiçais em madeira dourada. Infelizmente, a pintura que se pode hoje observar, não é original, sendo o aspecto actual do retábulo do altar devido a restauros efectuados em 1962/63 e novamente em 1982/83.

A chegada da talha dourada à Capela das Vaginhas foi de tal modo importante, que a Capela sofreu remodelações, segundo a tradição popular.

A Capela do séc. XVII, que segundo a tradição oral ocupava somente o espaço da nave actual, foi alargada com a inclusão de uma capela-mor barroca (1).

Desta remodelação, reconstrução (2) ou ampliação, como queiramos chamar-lhe, ficou-nos um testemunho epigráfico de ines-

(1) O Rev.^{do} Pe. João Gonçalves (pároco do Entroncamento entre 1970 e 1981) tem outra opinião. Diz ele: *"Quanto ao edifício em si mesmo, o actual [1980] é uma série de acrescentos sobre uma ermida primitiva que pouco mais seria que a actual capela mor"*, in *"Revista Nova"*, nº 3, Outubro de 1980, p. 7.

Pessoalmente, julgo que a tradição oral é que está certa. Este sacerdote deve ter-se enganado tanto nesta sua opinião, quanto na afirmação que fez na citada revista, imediatamente antes: *"A capela actual [1980] está feita em adobos"*. Aquando da reconstrução de 1982/83, nem um adobo se encontrou nas paredes da Capela das Vaginhas! O aparelho de construção era totalmente composto por pedra e tijolo.

(2) Júlio de Sousa e Costa diz-nos que nas Vaginhas *"Havia (...) uma capela humilde que derruiu, foi depois reconstruída (...)"*. Artigo intitulado *"Vaginhas"*, in *"O Entroncamento"*, nº 188 (30/11/1954). Certamente, refere-se a esta reconstrução.



RETÁBULO SETECENTISTA EM TALHA DOURADA.

timável valor: no topo da fachada da Capela, abaixo da cruz em ferro que encimava a frontaria da mesma, foi inscrita uma data e uma legenda – 1734 e abaixo, dentro de uma cercadura, PELASALMASPN..

Esta inscrição tem a seguinte leitura: PELAS ALMAS [DO PURGATÓRIO REZEMOS UM] P(a d r e) N(o s s o).

O testemunho epigráfico que acabámos de desdobrar demonstra bem a devoção às "Alminhas do Purgatório", difundida desde o Concílio de Trento (séc. XVI) mas que em Portugal é bem característica do séc. XVIII.

Desta forma, todos os que olhassem para a cruz e para a data da Capela rezariam um "Pai Nosso" pelas Almas do Purgatório: intercedia a Igreja Militante, junto da Igreja Triunfante, pela Igreja Padecente.

A terminar este item, é preciso dizer ainda que, segundo testemunhos orais, a Capela de São João chegou a possuir um coro alto ao fundo da mesma, por cima da porta de entrada.

A separar a capela-mor do resto do corpo do templo existia uma grade em madeira, chamada "grade da comunhão", pois era onde os fiéis recebiam a Eucaristia de joelhos. Tal como o coro alto, foi retirada aquando da reconstrução de 1982/83, obedecendo aos preceitos do Concílio Vaticano II.



A Grade da
Comunhão (1)

(1) Fotografia retirada da "Revista Nova", nº 3, Outubro de 1980, p. 7.

VIII - AS VAGINHAS E AS INVASÕES FRANCESAS

Aquando das Invasões Francesas (1807-1811), a Capela de S. João manteve nos habitantes das Vaginhas o sentimento espiritual e o patriotismo nacional exacerbadamente demonstrados nos heróicos recontros com as tropas invasoras de Massena.

"No pequenez desta capela e na invocação do seu orago, S. João Baptista, os habitantes do lugar que muito sofreram então sob a violência estrangeira, encontraram a fé e retemperaram o ardor com que resistiram ao usurpador cruel"(1).

As informações relativas aos confrontos entre a população do concelho de Atalaia (também das Vaginhas) e os invasores franceses são-nos fornecidas por *Bandeira de Tóro* no Tomo 3º de "O Distrito de Santarém" publicado pelo Jornal Ilustrado "A HORA" em Outubro de 1938 e foram recolhidos junto da população, através da tradição oral dos mais antigos habitantes da região.

Quem recolheu esses testemunhos, em que se baseou *Bandeira de Tóro*, foi Júlio de Sousa e Costa, da Barquinha (2). Tornaremos a falar dele adiante.

Os factos que a seguir se relatam dizem respeito à 3ª invasão francesa (1810 - 1811), a de Massena.

Antes de mais, é preciso referir que o general Massena, após ter recuado vindo das "Linhas de Torres Vedras", instalou o seu quartel-general em Torres Novas (Novembro de 1810).

Assim, os habitantes desta zona sofreram a violência da ocupação estrangeira aquando da retirada francesa do nosso País.

(1) Eugénio Dias Poutout, "Capela de São João", in "A Hora (Jornal Ilustrado)", 1968.

(2) Estas informações encontram-se no artigo da autoria de Júlio Costa, intitulado "História do Entroncamento" e publicado na revista "Terras de Portugal", nº 45, Abril de 1933. Foi por nós facsimilado no livro "A Quinta da Ponte da Pedra", p. 80, C.M.E., 1998.

"(...) [em 1810], entraram, (...) [neste lugar] os soldados (...) do exército [francês] que estavam às ordens do israelita Massena, Príncipe de Essling e Duque de Rivoli dos quais se não apagou ainda, na memória do povo, a passagem vandálica e cruel, pelo nosso País, e, em especial, por esta região onde foi verdadeiramente horrível a acção que exerceram nessa época.

(...) [A região], nesse tempo [denominada] *charneca das Vajinhas* era um vasto terreno que ficou célebre pelas atrocidades que nele praticaram os franceses e pela forma como deles tirou solene vingança a guerrilha do Valente e arrojado Madrugo - Janeiro de 1811 - num extenso olival e frondosa mata, que existia no sitio onde está hoje a ampla estação dos Caminhos de Ferro Portugêses, (...) [ao abrirem-se as suas fundações, encontraram-se esqueletos e restos de uniformes militares: sobretudo botões].

Para se avaliar de que atrocidades horrorosos foi victima esta (...) [zona], bastará dizer-se que só a freguesia de Atalaia teve 400 pessoas assassinadas. Foi destes crueis assassinatos que tirou memorável desforra, a quadrilha do Madrugo, emboscando-se na densa mata e liquidando, à queima roupa, e depois á facada, (...) um destacamento francês que se dirigia para Torres Novas e do qual foram mortos 20 soldados.

[Nesta emboscada] Perderam, os guerrilheiros, [apenas dois] dos seus, o Anastacio do Quinta do Ponte da Pedra e o Matias Pedro, pedreiro da Atalaia.

Distinguiu-se, neste prélio, um pobre alucinado morador nos Casais das Vajinhas, de nome José Pires, que vingou, por forma que deu brado pela sua temeridade, um irmão de nome Joaquim que os francezes tinham barbaramente assassinado em Dezembro de 1810".

Já que falamos de invasões francesas, vamos abordar o facto de termos referido, anteriormente, que o cálice e patena da Capela das Vajinhas são dos séc. XVII/XVIII.

É que, nem mesmo os invasores franceses ousaram profanar aquilo que era essencial para a celebração da missa!

Diz-nos Artur Gonçalves (1) acerca de Junot (1ª Invasão - 1807):
"Em breve começaram as vèxações de Junot por todo o País, sendo as mais revoltantes: (...) a publicação do decreto de 1 de Fevereiro de 1808, mandando remeter à Casa da Moeda todo o ouro e prata das igrejas e confrarias do País, que não fossem absolutamente indispensáveis à decência do culto, para sua conversão em moeda (...) "(2).

Eis a razão porque digo que o cálice e a patena da Capela das Vajinhas escaparam à rapina dos invasores franceses.



Cálice e Patena
pertencentes à Capela das Vajinhas

Escala 1:10

Um outro importante texto historiográfico para a História dos Casais das Vajinhas é o que foi publicado nas páginas do primeiro jornal "O Entroncamento" que existiu na nossa terra. Nele, Júlio de Sousa e Costa, da Barquinha, nos relata um interessante episódio das invasões francesas ocorrido nos *Casais das Vajinhas* e que teve um trágico desfecho na Ponte do Pedra. Mas deixemos falar o autor:

(1) in "Torres Nôvas - Subsídios para a sua História", p. 148.

(2) O sublinhado é nosso.

"SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA A TIA ZABEL

No ano de 1840 vivia nos *Casais das Vaginhas*. dêste concelho, uma interessante e linda velhinha de nome Isabel.

O que ela contava do tempo dos francêses e dêsses anos de 1828 a 1834 em que dois miseráveis aventureiros [D. Pedro e D. Miguel], ávidos do mando se defrontaram em lutas de que sómente aproveitaram, mais tarde, habilidosos políticos dum constitucionalismo sédiço e traíçoero!...

A *ti Zabel*, como era conhecida, vivia esmolando; todavia rogava o óbulo de maneira tão gentil que pessoa alguma lhe negava o auxílio. Assistia numa casa, não longe da capela da invocação de S. João Baptista que ainda hoje se venéra nas *Vaginhas*.

Apesar da idade avançada - oitenta anos naquela época - a sua casinha era dum aceio inexcedível que marcava bem o regime de ordem e de compostura. Nunca tinha querido casar por sêr doente.

Nas noites luarentas do estio, os habitantes dos quinze ou vinte casalejos das *Vaginhas* iam sentar-se-lhe à porta.

- *Ti Zabel*, diziam, conte-nos uma das suas histórias!
- Eu não sei histórias, filhos!
- O que vocemecê viu, visinha, rogava outro.
- Ah! sim! Isso é possível! Então oiçam...

As crianças recostavam-se nos seios das mães e os adultos preparavam-se para ouvir as singelas narrativas da bôa velhinha a quem, sem dúvida alguma, se deve a tradição oral de muitos acontecimentos ocorridos na região, quando das invasões das hordas napoleónicas e dos sucessos dos dois irmãos [D. Pedro e D. Miguel] havidos duma Rainha e de pai muito dubitativo...

E ela começava então numa doce toada de voz, sem rancores para os carrascos cujos rostos sinistros ela entrevira, angustiada, mas sempre com palavras de comiseração e piedade para as vitimas sacrificadas aos bandoleiros da Vida alheia.

A *Ti Zabel*, além doutras, conhecia a tragédia horrorosa da Quinta da Ponte de Pedra, marcante de ferocidade e onde o

estrangeiro maldito se desvaliou perante a História e tradição do cavalheirismo francês.

- Visinhos, dizia ela, - parando com o fuso diligente que a ajudava a viver -, eu rasava os meus cincoenta anos, quando os francêses apareceram nêstes *Casais das Vaginhas*. Certo dia a tropa - era já manhã avançada, - correu todos os casais e não se esqueceu de vir a esta minha casa. Estiveram muito tempo no Casal do Reis Velho que varejaram de alto a baixo; abriram os baús, arcas e caixões do milho, vasculharam as tulhas, remexeram as palhas e saíram de lá escoltando um homem que acharam escondido no curral das ovelhas. Vi êsse desgraçado de mãos amarradas atrás das costas, em cabêlo, com a cara coberta de sangue, mas serêno na hora última da sua vida...

Não proferiu uma palavra, um gemido sequer, e marchou no meio da soldadêscas que constantemente o agredia com coronhadas. Levaram-no para o Alto da Ponte da Pedra (esse local fica em frente da bifurcação da estrada que da Ponte de Pedra conduz á Golegã) e encostaram-no a um zambujeiro frondoso e lindo que ali havia (ainda se viu no ano de 1860 muito exuberante).

Os rapazitos, filhos do dono do casal, seguiram os Francêses que eram em número de quinze ou vinte. O prisioneiro malaventurado não proferiu uma palavra... Ele bem sabia a terrível sorte que o esperava. Os francêses disseram-lhe palavras coléricas que pessoa alguma compreendeu mas que deviam sêr dum último e cobarde insulto, depois do qual o fusilaram.

Abandonaram o cadáver estendido no solo e rodaram caminho da Atalaia...

Duas horas depois apareceu nos *Casais das Vaginhas* a guerrilha do madrugada, o homem valente e destemido que deixou nome nesta região martirisada. Inteirou-se do caso e disse então que o pobre fusilado era um dos amigos dos guerrelheiros seu avizador e inimigo implacável do francês maldito e sanguinário...

Certamente fora vítima de torpe denúncia. Sepultaram-no debaixo do zambujeiro e pregaram uma cruz no tronco da velha e formosa árvore.

A *Ti Zabel* explicava então aos seus ouvintes atentos e suspensos da trágica narrativa:

- O pobresinho chamava-se José Vale e era filhóte do termo de Ourém.

Durante largos anos o zambujeiro era conhecido pela árvore do Vale, padrão trágico junto do qual morrêra um homem cujo crime era detestar o francês amaldiçoado, ladravaz e mau, opressor da nossa pátria bem como, nessa ocasião, o era o inglês que vinha hipócritamente como salvador...

Barquinha

Júlio de Sousa e Costa.

A protagonista desta crónica deixou este mundo no dia 1 de Fevereiro de 1849 e foi sepultada no cemitério da freguesia de Atalaia. - L. de óbitos nº 4 e fls. 94, verso" (1).

Por este importante documento podemos vislumbrar que os "Casais das Vaginhas" seriam formados por duas unidades populacionais: a primeira constituída por um pequeno aglomerado populacional concentrado, abrangendo, mais ou menos, todo o espaço correspondente aos actuais largos de "São João Baptista" e das "Vaginhas" e a rua que os liga; a outra formada por alguns casalejos isolados, como o "Casal do Reis Velho", citado no já referido documento. O mesmo nos diz que "a tropa [francesa] correu todos os casais".

A unidade agrária denominada "Casais das Vaginhas" seria, pois, formada pelo aglomerado populacional concentrado e pelos casalejos dispersos no meio da "Charneca das Vaginhas".

Júlio de Sousa e Costa (2), fornece-nos ainda outros elementos sobre as invasões francesas relacionados com os Casais das Vaginhas. Diz ele:

"Um ferrador que havia nos Casais das Vaginhas, de nome José São Vito, foi a alma da resistência contra os franceses.

Os guerrilheiros da tropa do Madrugo tinham pouso nas Vaginhas e dali seguiam em grupos para as refregas.

Uma mulher, chamada Ana Brites da Guia, destemida e valorosa, tinha uma venda de vinho nas Vaginhas e servia de agente de ligação entre os guerrilheiros da Atalaia, Moita e Barquinha.

A Quinta da Ponte de Pedra, hoje assim chamada, foi assaltada pelos soldados de Massena. A dita Ana Brites imediatamente mandou avisar os guerrilheiros, e no sítio onde está instalada a polícia de trânsito [vulgo Posto da Balança, junto à Ponte da Pedra], ocorreu um combate violento onde quasi todo o destacamento francez ficou morto, tendo sucumbido também 3 guerrilheiros.

O Luiz dos Reis que tinha em 1900 uma taberna à entrada das Vaginhas teve um avô que foi guerrilheiro e dos mais temíveis. Jactava-se de ter morto cinco franceses no pinhal de S. Luiz, no caminho de Atalaia".

Não se ficou por aqui o historiador autodidacta de que estamos a falar. Nos "Serões de Tancos" (1), periódico fundado pelo Coronel de Engenharia Garcês Teixeira e que Júlio Costa continuou, em artigo intitulado "Investigações históricas locais" escreveu:

"Os Serões de Tancos propoem-se publicar nos números seguintes os estudos que seguirem.

- Uma Execução Popular; O Espião; O Caixeirito de Punhete; Uma Exumação...; As Matanças de Atalaia; O Espanta-Vacas; No caminho da Cardiga; A herança do Francês; As fardetas; O Ferreiro das Vaginhas; A vingança do Arrais; Os morticínios da Moita; A guerrilha do Madrugo; Nos Casais da Tojeira; Um cadáver em bolandas; O Vingador; O Anjo dos Casais; Um doloroso mistério".

Propôs-se, mas não chegou a publicar todas estas crónicas. Penso que estes e muitos outros artigos pertenceriam ao espólio do seu último livro, que nunca (?) – segundo julgo saber – chegou a ser publicado e que se intitularia "Nas Terras do Luto e do Martírio", todo ele dedicado às invasões francesas na nossa região. Foi grande a perda...!

(1) in "O Entroncamento", nº3 (06/01/1931), o primeiro jornal, com este nome, que possuiu a nossa terra.

(2) in "Folha manuscrita", Setembro de 1949.

(1) Nº 12, p. 90, Setembro de 1926.

IX - A BRUXA DAS VAGINHAS

Os Casais das Vaginhas ficaram conhecidos na região centro do nosso país, no século XIX, graças à figura de uma embaixatriz, como tantas outras que pululavam um pouco por esta zona, que foi a senhora Maria da Purificação, a célebre *Bruxa das Vaginhas!*

Quem recolheu a curiosa história desta figura foi Júlio Costa. Publicou-a no jornal "O Moitense", nº 69 de 15 de Novembro de 1941. Eis um retrato pitoresco do nosso século XIX:

"Uma mulher de virtude

Vamos lá fazer a história de uma outra bruxa que floresceu no concelho da Barquinha!... Se não querem que seja bruxa, dar-lhe-ei o nome de mulher de virtude!... Já descrevi a três, por onde se comprova que o número de tôlos em tôdas as terras ondem florescem tais preciosidades, é grande como imenso é o mar!...

Apezar de andar a polícia à caça delas, a corporação não cessa de aumentar as suas hostes com as diferentes modalidades operatórias; desde as resas para arranjar amores fixes, até à cura das espinhelas caídas, há tôda a classe de actividades...

Calhou hoje a vez à célebre bruxa das Vaginhas, que em 1833 era uma aldeola, com dez ou doze casas e que era conhecida pelo nome de Casais das Vaginhas. Nos velhos livros paroquiais assim era conhecida. Nesse ano floresceu um exemplar de grande nomeada, a sr.^a Maria da Purificação que possuía clientela recrutada até na alta sociedade de Tomar, Tôrres Novas, Golegã, Abrantes, e até de Lisboa!...

O marido era hortelão na QUINTA DA CARDIGA, pertença dos frades da Ordem de Cristo, e chamava-se José, por alcunha «O MONGA», e os religiosos, sabendo que a caríssima metade do seu hortelão, deitava cartas, benzia, adivinhava, fazia esconjuros e outras boas pantominices, puzeram na rua o homenzinho. Este, grande orientador, não perdeu coisa alguma; vestiu andrâjos, tomou um bordão e, ao mesmo tempo que pedia esmola, dizia, em tom segredeiro, que nos

CASAIS DAS VAGINHAS, *havia uma serva de Deus que era uma maravilha!...*

Enfim o homem era o caixeiro-viajante daquela interessante pantomimice que dava fartíssimos lucros ao lar instalado no largo da capela de São João Baptista; e a sr.^a Maria, que não, tinha tirado alvará de profeta, entezoirava belas moedas de ouro, mercê das adivinhas pelo pé de café... O que não adivinhou foi que o marido, o Sr. José, lhe havia de fugir com a mulher do estalajadeiro, bela moça, sua visinha e comadre de águas bentas, levando o provimento de boas moedas... E a raptada, atirada para riba de um macho possante, lá foi com o ex-hortelão da CARDIGA, também apetrechada com o que pode roubar ao caro espôso...

Há um velho provérbio, para uso caseiro, que as mamãs e as sogras costumam segredar ao ouvido das noivas, depois destas terem jurado fidelidade ao pé do altar, ou junto da carteira do homem do regista civil:

– Por muito que a seu marido queira, não lhe mostre muito a fralda inteira!...

É o mesmo que dizer: nem tudo se diz a seu marido!... E segundo se diz, o conselho é sempre seguido, embora a jovem Espôsa esteja a abarrotar de amor pelo rico maridinho da sua alma...

Foi isso o que salvou a bruxa dos CASAIS DAS VAGINHAS!... Se ela confiasse ao terno e fiel consorte, onde escondia a boa teca que possuía, o grilhão, as arrecadas e as demais joias adquiridas com a rendosa arte da virtude, estaria arranjada da sua vida!... E continuou lendo a buena-dicha e a ir aos mercados semanais de Torres Novas e Tomar, pimpando com chibança no outro macho que o infiel marido lhe deixara e ostentando os encantos que ela luzia ainda aos quarenta anos...

Não lhe fez falta alguma o caixeiro-viajante das suas endróminas, porque, dizia ela, graças a Deus nunca a freguezia lhe faltou! E tanto assim foi que mandou fazer um telheiro, junto à sua habitação, onde os consulentes recolhiam as seges da gente de qualidade e a gericada que transportava tôda a qualidade de pacóvios das povoações visinhas e que faziam depois, entusiasmadíssimos, o panegírico da grande mulher de virtude que receitava a oração do Justo Juiz e o Credo em cruz

para todos os assaltos do Diabo e da sua negra quadrilha sempre à cóca para se ferrar na alma de bom cristão...

Não tardaram a aparecer galanteadores à sr.^a Maria da Purificação, apesar desta ter duas pequerruchas. Todavia ela entendeu, numa justa compreensão, que deveria atender à situação do seu visinho e compadre estalajadeiro. E, assim, ficou tudo equilibrado: – ela com um homem amigo de dar ordem à vida, e ele possuindo mulher de grande lábia que auferia o dobro do negócio da estalagem... e do contrabando!...

Eu poderia dizer quem são os actuais herdeiros da Sr.^a Purificação. Não quero cair nessa deselegância moral. Sómente desejo que se saiba que se não fôsse o Felicíssimo Maia Moniz, das Vaginhas, que muito bem conheci em 1904, não se podia saber que naquela localidade, floresceu uma espertalhona de mão cheia que, além de ser o que se acaba de ler, foi mulher de armas que, ao ver certo dia, assomar à sua porta o traidor marido, contrido, humilde e arrependido, puxou de um pistolão do tempo das guerras velhas e o intimou a desandar, sob a pena de o estender sem vida...

Em 1857 ainda vivia a Sr.^a Purificação...

Já não profetisava, prova evidente de que a burra estava rasoavelmente provida... O marido morreu no Alentejo, às mãos de ciganos. E ela, aos sessenta anos, ainda galopava pelas estradas, mailo seu compadre (a quem presentara com dois belos rapazes,) muito cheia de oiro nos dedos, no pescoço e nas orelhas.

– E o que foi feito dessa bruxa, amigo Felicissimo? perguntei-lhe, então muito interessado pela narrativa.

– Foi para Santarém com as filhas que arranjaram namoraças com gente da tropa. A Purificação tinha dinheiro como milho!... Pois vinha consultá-la gente de casa do diabo!!...

Eu quiz saber onde fica a casa do diabo... O senhor Felicissimo Maia Moniz, firmou a sua alta estatura, abriu os braços e arregalou os olhos:

– Olhe,... Santarém... Abrantes... Caldas... e até de Lisboa, com seiscentos macacos!!!...

Não admirei da resposta...

Neste ano da Graça de 1941 do Século brilhante do avanço moral e intelectual, não vão senhoras de chapelinho, senhoras da Alta, com A grande, cultas, muito cheias de religião, consultar as bruxas a quem pagam as multas em que as condenam aos tribunais? Se isso sucede na actualidade, para que nos devemos admirar do que ocorreu em 1833, isto é, há mais de cem anos?...

Bruxas há-de haver sempre, a despeito de quantos policiaes deste mundo!... E a razão é simples... É porque o número de parvos é enorme neste belo paraíso em que vivemos!...

Barquinha

JÚLIO SOUSA E COSTA".

X - AS VAGINHAS E O ENTRONCAMENTO

Segundo informações de Júlio Costa, as Vaginhas eram nos meados do século XIX uma "(...) aldeia (...) pequena, porém muito frequentada. Por ali passaram os almocreves, e gente de negócios .

(...) é da tradição ter havido nessa localidade certa estalagem cuja boa fama perdurou, passando a propriedade aos seus descendentes que mantiveram os bons créditos como casa de muita segurança para os negociantes, geralmente portadores de dinheiros e mercadorias de valor.

Nesses tempos abundavam os salteadores à mão armada, pelo que era vulgar fazerem caravanas apetrechadas para a defesa das suas pessoas e do que consigo traziam a dorso de possantes mulas e em carroções para tal destinados. Em 1843 a velha estalagem, sempre bem reparada, pertencia a José Ascenso Moniz, homem hercúleo que sabia muito bem fazer o seu negócio honesto e a polícia sossegada da sua casa procurada e bem afreguesada.

Nesse ano a aldeia não teria mais de noventa a cem vizinhos, com vinte e poucos prédios de habitação". (1)

É ainda o mesmo autor quem nos informa que nos finais do século passado, existia nas Vaginhas "(...) um bom velhote, o senhor Felicíssimo Maia Moniz, que sabia contar muitos factos sobre a Maria da Fonte [1846], dando interessantes notícias" (1).

Sobre esta figura, Júlio Costa diz-nos que o conheceu em 1904, "já com mais de 70 anos. Era sogro de Manuel Luiz Parraxo.

Em 1860 havia no dito lugar cento e cinquenta pessoas. Depois de 1895 começou a construção de algumas casas".(2)

"Por volta de 1862, quando interesses e vicissitudes da época determinaram que a construção da via férrea fosse afastada das terras limítrofes e atiradas as suas instalações para este local então deserto, fixaram-se aqui, em condições de vida precárias, os pioneiros do cami-

(1) in "Vaginhas; Jornal "O Entroncamento", nº 188 (30/11/1954).

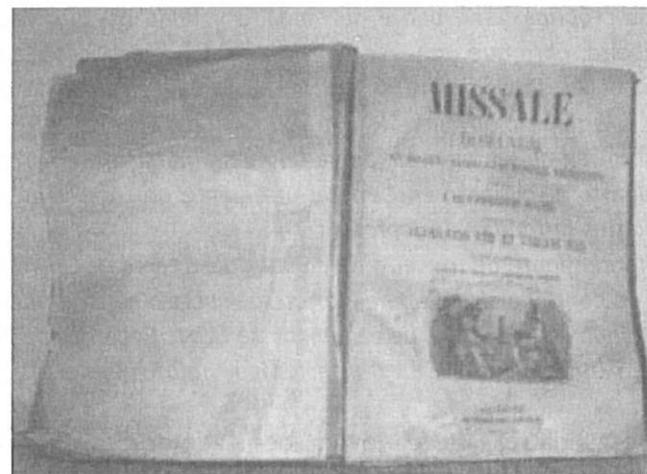
(2) in "Folha manuscrita", Setembro de 1949.

nho de ferro oriundos de regiões e até países distantes. Nas Vaginhas tiveram então o mais próximo contacto de vida humana e na sua Capela a chama que lhes conservou a crença religiosa e os irmanou na luta sem tréguas com a terra inóspita que quiseram fazer digno berço de seus filhos.

Foi (...) a vetusta Capela de S. João o fulcro espiritual da vida primária do Entroncamento: (...) Pobre de arquitectura, sem outros pergaminhos, tem na sua singeleza e por razões de ordem sentimental, o carinho de toda a população que lhe quer como uma relíquia do seu passado e a desejaria (...) ver enquadrada no ambiente arquitectónico que a própria idade lhe confere" (1).

A antiguidade da Capela de S. João é atestada pelas suas alfaias e livros litúrgicos.

Assim acontece com o seu "MISSALE ROMANUM", utilizado desde o Concílio de Trento (séc. XVI), que foi impresso em 1867.



Missal Tridentino da Capela das Vaginhas.

(1) Quem assim nos fala é Eugénio Dias Poitout, Presidente da Câmara Municipal de Entroncamento. Este texto, com ligeiras alterações, foi publicado no "Jornal Ilustrado - A Hora", em 24 de Novembro de 1968, nº 65 (2ª Série), aqunando do "XXIII Aniversário do Concelho do Entroncamento".

De entre os pioneiros que vieram para o Entroncamento, destaca-se a figura de um francês, chamado Eugène Alexis Poitout, que viria a ser avô do Sr. Eugénio Dias Poitout, antigo presidente da nossa edilidade. Nos anos 60 do século XIX, como o Entroncamento se reduzia às instalações ferroviárias, os recém-chegados instalaram-se, muitos deles, na aldeia das Vaginhas.

Escreve Eugénio Poitout: (1)

"A vida de relações desses indivíduos neste local, ao tempo quase deserto e inóspito, tornou-se dependente do lugar das Vaginhas, pequeno aglomerado de características rurais que lhe ficava muito próximo.

Mas, um ribeiro, o de Santa Catarina, separava o pequeníssimo Casal das Vaginhas das recém-instaladas dependências do caminho de ferro. E durante a época das chuvas o caudal deste ribeiro constituía obstáculo à livre passagem das pessoas e seu abastecimento.

Para a tal obviar, Eugène Poitout, com dois dos seus colegas, igualmente estrangeiros, também pioneiros desta terra, construíram, a expensas próprias, uma ponte de madeira ligando as duas margens desta ribeira, obra que uma vez pronta e posta ao serviço do pessoal dos comboios e suas famílias, festejaram com uma refeição servida no leito da dita ribeira, obviamente em tempo de estiagem.

Lembro-me de ter visto, na posse da minha família, uma fotografia desse almoço e, curiosamente, notei o requinte do traje com que os participantes primaram em apresentar-se.

A referida ponte de madeira foi construída a cerca de 50 metros a jusante da ponte de alvenaria hoje existente sobre o mesmo ribeiro, na Rua Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro. Recordo-me de, em criança, a utilizar durante bastante tempo, naturalmente já reconstruída".

Sobre a vida religiosa da jovem localidade do Entroncamento, diz-nos Maria da Anunciação Soeiro:

"Em 1901, fez-se o registo na paróquia de Atalaia, de três batismos do Casal das Vaginhas e mais alguns do Casal das Gouveias

(1) in *"Notas biográficas de meu avô, Eugène Alexis Poitout e do seu ramo de família"*.



Fotografia de Eugène Alexis Poitout (1).

(1) Fotografia gentilmente cedida pela Dr^a Manuela Poitout, pertencente ao espólio fotográfico do seu sogro, Eugénio Dias Poitout, neto do retratado.

[situado no local onde hoje se ergue o Quartel dos Bombeiros Voluntários de Entroncamento e zona adjacente].

Como o Entroncamento se desenvolvesse de dia para dia, cada vez mais se foi fazendo sentir a necessidade de assistência espiritual o mais amiúde possível. Para tal, entendeu-se por bem que na Capela de São João se celebrasse Missa aos Domingos e dias santificados, provendo a essas necessidades os párocos das paróquias de Atalaia e da Golegã.

Solicitou-se então ao Cardeal Patriarca de Lisboa [1919] a autorização para que qualquer sacerdote na qualidade de capelão pudesse ali celebrar missa de 15 em 15 dias. Os casamentos e baptizados continuaram a ser realizados na Igreja de Atalaia ou na Capela da Cardiga.

Mais tarde houve uma evolução da situação e começaram a realizar-se os baptismos na capela de São João, no dia da sua festividade. Os primeiros tiveram lugar em Junho de 1920. Nesse dia realizaram-se seis baptismos.

Desde então, no povo do Entroncamento, verificou-se a seguinte atitude: os pais mais preocupados com o baptismo dos seus filhos levavam-nos a baptizar durante o ano à Capela da Cardiga ou à Igreja da Atalaia, no entanto um grande número esperava pela festa de S. João e só neste dia, único em que durante o ano se faziam baptismos na capela, levavam lá os filhos a receber o sacramento.

Assim se explica como se chegaram a fazer dezenas de baptismos no dia de São João" (1).

No início da década de 1920, a Missa Dominical era celebrada todas as semanas, alternadamente, quer pelo Monsenhor Porfírio da Cruz Quintela, Vigário da Golegã, quer pelo Pároco da Barquinha, Pe. António Martins da Silva. Quando Monsenhor Quintela se deslocava às Vaginhas para aí celebrar Missa, a Quinta da Cardiga (onde, aliás, residia grande parte do ano), providenciava uma carruagem puxada por magníficos cavalos, para o seu transporte.

(1) "Génese Cristã do Entroncamento" in "Notícias do Entroncamento", nº 377 de 22/03/91. Os dados foram por mim confirmados nos Registos Paroquiais das Paróquias de Atalaia e de Entroncamento e no Jornal "O Entroncamento", n.º 5 a 17, em vários artigos do Pe. Martinho Mourão, intitulados "Elementos para a História da Paróquia do Entroncamento".

Graças ao Sr. Pe. António, chegou até nós o já referido missal, que ele mandou arranjar e encadernar em 20/06/1923, e onde deixou imprimido o seu autógrafo.

Com licença especial do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo (1911-1929), passaram-se, também, a celebrar casamentos na Capela das Vaginhas. O primeiro foi o de José Cipriano e Solange do Silva Alfaro, realizado no dia 20/08/1921.

Em 25 de Agosto de 1926, o Entroncamento é elevado a freguesia, pelo Decreto Lei Nº 12.192, ficando a pertencer a um só concelho, o da Barquinha, já que antes a nossa terra se encontrava dividida entre duas freguesias: a parte a Poente da linha férrea pertencia à freguesia de Santiago (concelho de Torres Novas), a parte a Nascente da linha pertencia à freguesia de Atalaia (concelho de Vila Nova da Barquinha).

Em 1927, a nova freguesia civil foi reconhecida pelas entidades eclesiásticas, e por falta de templo próprio passou todo o serviço de culto a realizar-se no capelinha de S. João Baptista, nas Vaginhas, onde aliás grande parte dos entroncamentenses havia muito tempo assistiam aos actos religiosos. O Patriarcado de Lisboa, como não podia deixar de ser, consagrou a freguesia de Entroncamento ao orago das Vaginhas, São João Baptista (1).

Nesse ano, por decreto de D. António Mendes Belo, foi anexada à Paróquia de Atalaia a parte do Entroncamento situada a Norte da via férrea, antes pertencente à Paróquia de Santiago (Torres Novas). Tal facto sucedeu em 15/06/1927.

Pouco a pouco, e sobretudo a partir de 1930, a antiga aldeia das Vaginhas vai-se começando a diluir no Entroncamento.

Ninguém melhor do que a Dr^a Maria Madalena Lopes soube exprimir esta situação, quando escreveu, em 1947, na sua tese de licenciatura:

"Já por volta de 1930 a aldeia das Vaginhas, situada cerca de 500 mts para leste, tinha sido englobada no Entroncamento.

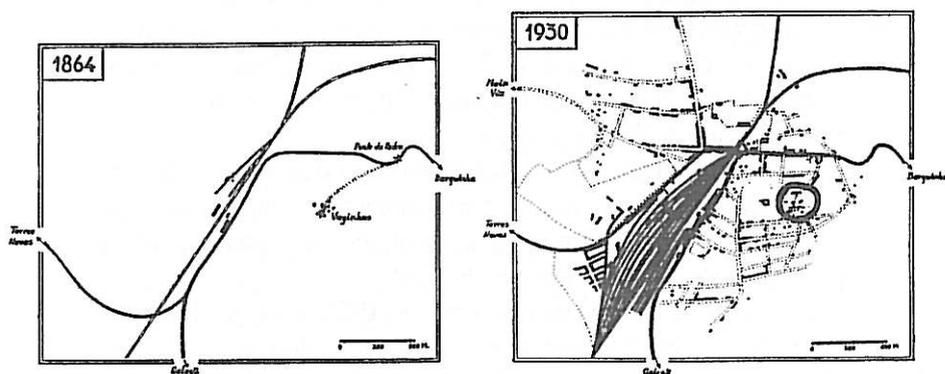
Primeiramente, enquanto os ferroviários procuravam aconchegar-

(1) in "A Hora (Jornal Ilustrado)", de 24 de Novembro, 1968; Aí, relembRANDO a criação da nossa Freguesia (1926), diz-se que: "A freguesia de Entroncamento, que é da 2ª Ordem, e tem por orago São João Baptista (...)".

-se junto da linha, a aldeia, indiferente e alheada do desenvolvimento da sua jovem vizinha, continuava a vida laboriosa do campo. Era tão pouca a sua gente, que não chegava para a actividade agrícola das quintas da Cardiga e da Ponte da Pedra. Escondida entre mais e mais oliveiras, ocultava-se aos olhos curiosos dos viajantes, e quase não davam por ela os ferroviários.

Mas, agora, as construções da povoação nova cercam-na completamente, e, para além dela se vão estendendo. A primitiva aldeia, que os novos já não conhecem pelo seu nome, não é mais que um bairro do Entroncamento. E este vive directa ou indirectamente da posição privilegiada do cruzamento de linhas férreas" (1).

Para que se compreenda melhor esta situação, mostram-se dois quadros com a situação em 1864 (data em que nasceu, efectivamente, o Entroncamento) e 1930, em que a aldeia das Vaginhas não é mais do que um bairro do populoso Entroncamento.



- Fases da Evolução do Entroncamento: 1864 - Reconstituição hipotética de harmonia com elementos de informação colhidos; 1930 - Segundo a planta de urbanização de 1933, com ligeiras alterações (1).

As Vaginhas aparecem rodeadas com um círculo.

(1) Segundo Maria Madalena Lopes, in "Entroncamento. O caminho de ferro, factor de povoamento e de urbanização"; Tese de licenciatura, publicada no "Boletim do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra".

XI - OS FESTEJOS DE S. JOÃO BAPTISTA DAS VAGINHAS

No princípio, a festa religiosa seria a 29 de Agosto, como já vimos, e comemoraria a morte de S. João: a *degolação*.

Mais tarde, já no séc. XIX, começaram-se a celebrar os festejos a 24 de Junho – o nascimento de S. João Baptista.

Falando destas festas, diz Júlio Costa:

"Em 1899 comemorava-se o orago: São João Baptista, com *procissão, arraial, fogo de artifício e barraca de prendas*. As famílias da Barquinha e Atalaia, de sentimentos devotos, não faltavam lá com os seus farnéis que iam comer sob as oliveiras frondosas. Não faltavam as danças entre gente nova; depois apareceram as inevitáveis quermesses. Era raro haver rixas ou desordens nessa festança pacata" (1).

Segundo informação do mesmo autor, "Nos princípios do séc. XX, o culto desmereceu muito da devoção do povo dos Casais das Vaginhas" (2).

Apesar disso, diz-nos Eduardo O. P. Brito que, nos anos que se seguiram à Revolução Republicana de 1910, em que a Igreja Católica muito sofreu, e ainda nos anos 20, quando as Festas não podiam contar com a presença de nenhum sacerdote, nem mesmo assim se deixou de fazer o cortejo de fogaças. Para tal, os fiéis dirigiam-se à Capela, saíam com o andor de S. João e faziam a recolha das fogaças sob o olhar atento da veneranda imagem do Baptista.

A confirmação das afirmações de Eduardo O. P. Brito surgiu em 1998, quando chegou às mãos do Sr. Presidente da Câmara do Entroncamento, José Pereira da Cunha, uma fotografia d'"A Comissão dos festejos de 1913 – Vaginhas". Essa fotografia foi encontrada por alguém numa lixeira das redondezas. É uma jóia de incalculável valor, que vem subscrever a informação de O. P. Brito.

Mostra-se a seguir essa fotografia, tirada pela "Foto Sequeira", de Santarém.

(1) in "Vaginhas", publicado no jornal "O Entroncamento", nº 188, (30/11/1954).

(2) in "Folha Manuscrita", Setembro de 1949.



"A Comissão dos festejos de 1913 – Vaginhas"

Após termos falado com alguns habitantes mais antigos das Vaginhas e com o Sr. Armando Rodrigues de Oliveira (1), conseguimos apurar o seguinte: os dois personagens sentados no chão formavam uma dupla de artistas com gaita-de-foles (o da direita) e bombo (o da esquerda, que segura a bandeira). Apareceram pela primeira vez na nossa região em 1913, altura em que participaram nos Festejos de S. João. No ano seguinte, 1914, abrilhantaram as Festas da Moita do Norte. Eram naturais dos lados de Soure.

Quanto às senhoras, imediatamente atrás e entre os dois artistas surge Berta Duarte Galinha. A última da direita é Cristina Pereira Bandeja.

No que diz respeito aos cavalheiros, da esquerda para a direita, temos em terceiro lugar, de cigarro na mão, o Sr. Costa. Em sexto lugar surge Amadeu de Oliveira Bandeja; em sétimo lugar aparece

(1) Actual director do jornal "Novo Almourol", de Vila Nova da Barquinha, com a idade de 86 anos, e morador na Moita do Norte.

José Pereira Lagos e por fim, na extrema direita, Joaquim da Guia. Ficamos a aguardar pela identificação dos restantes elementos desta comissão.

Nos anos 30, chegou ao Entroncamento o Sr. Pe. Manuel Caetano, como veremos adiante. Foi ele o grande impulsionador das Festas de S. João Baptista nessa década. No ano de 1934 a festa teve direito a folheto de propaganda impresso e tudo!

Apresenta-se a seguir esse folheto, publicado no jornal "O Entroncamento", de 24/06/1987. Esse documento era pertença do Sr. António da Silva Costa e foi publicado neste jornal graças ao Sr. Francisco da Silva, certamente seu familiar, grande repórter e redactor deste periódico, nos anos 80.



Frontispício do folheto de propaganda das Festas de 1934.

Dia 23

Às 17 horas recepção na gare da estação do C. Ferro da muito apreciada filarmónica Riachense que percorrerá as principais ruas da vila.

Às 21 horas—Abertura do arraial, em que devem figurar barracas de chá, quermesses, casa das iscas, Cervejaria.

Deslumbrantes iluminações, oferecendo o largo da festa um espectáculo atraente.

Na cervejaria far-se-há ouvir um concerto de jazz.

Às 24 horas—Começará a queimar-se um magnífico fogo de artifício, em que o habil pirotécnico da Molta, Sr. Silvino Martins, apresentará grandes surpresas.

Dia 24

Às 6 horas—Alvorada dada por uma salva de 21 morteiros.

Às 9,30 horas—Saída do Cortejo do local das festas para recolher as fogaças. Neste cortejo poderão tomar parte os anjinhos que se façam acompanhar por suas famílias.

Às 11¹/₂ horas—Festa na Igreja com ~~canto~~ coral acompanhado a órgão e instrumental. *Canto*

—Haverá sermão pregado pelo Ex.^{mo} Reverendo Manuel Caetano, prior d'esta freguesia.

Às 14 horas—Abertura do arraial, recepção das ofertas e venda de fogaças.

Às 18 horas—Será queimado um engraçado fogo diurno (fogueteões).

Às 21 horas—Reabertura da quermesse, continuação de deslumbrantes iluminações como no dia anterior.

Às 22 horas—Far-se-há ouvir na cervejaria um belo concerto de jazz, podendo-se apreciar descantes populares e bailados regionais.

Às 24 horas—Começará a queimar-se um lindo fogo de artifício preso e do ar, em que o habil pirotécnico apresentará peças da sua melhor produção.

Dia 25

Às 18 horas—Abertura do arraial.

Às 17,30 horas—Cavalhadas, corridas de pucaros com prémios, estando aberta a inscrição para as corridas no **Café Nicolau**. Às 24 horas—Fogo de artifício do ar

Conteúdo do folheto:

descrição das actividades a efectuar em cada um dos três dias da Festa de São João: 1934.

Do prospecto salientamos o programa do dia 24 de Junho.

"(...) - Às 6 horas - Alvorada dada por uma salva de 21 morteiros.

- Às 9,30 horas - Saída do Cortejo do local das festas para recolher as fogaças. Neste cortejo poderão tomar parte os anjinhos que se façam acompanhar por suas famílias.

- Às 11,30 horas - Festa na Igreja com canto coral acompanhada a órgão e instrumental.

- Haverá sermão pregado pelo Ex.^{mo} Reverendo Manuel Caetano, prior d'esta freguesia.

- Às 14 horas - Abertura do arraial, recepção das ofertas e venda de fogaças. Às 18 horas - Será queimado um engraçado fogo diurno (fogueteões).

Às 21 horas - Reabertura da quermesse, continuação de deslumbrantes iluminações como no dia anterior.

Às 22 horas - Far-se-há ouvir na cervejaria um belo concerto de jazz, podendo-se apreciar descantes populares e bailados regionais.

Às 24 horas - Começará a queimar-se um lindo fogo de artifício preso e do ar, em que o habil pirotécnico apresentará peças da sua melhor produção"

Do programa temos a fazer duas chamadas de atenção :

a) A Festa na Igreja - Seria na Atalaia ou na própria Capela das Vaginhas: não esqueçamos que a nossa igreja matriz ainda não existia.

b) Quando se chama "prior" ao Pe. Manuel Caetano quer-se dizer que ele era o Pároco de Atalaia, com residência no Entroncamento: a nossa paróquia ainda não existia.

Para o leitor que se queira inteirar mais sobre as Festas de S. João nos anos 50, remetemos para a leitura de uma saborosa, mas extensa crónica, escrita por um leitor do jornal "O Entroncamento", e publicada pelo mesmo quinzenário no seu número 83 (15/05/1950), página 2 (1).

Nas décadas de 1960 e 70, as Festas de São João realizaram-se esporadicamente: fizeram-se em 1962 e 1963; em 1968 já não se realizaram.

No "Jornal Ilustrado A Hora" (2), escreve Bandeira de Tóro:

(1) "A Festa de S. João..." por António Lopes Domingos, escrita em Gelfa, no dia 19/04/1950.

(2) Nº 65, (2ª Série) - XXIII Aniversário do Concelho do Entroncamento, 24 de Novembro de 1968.

“No dia 24 de Junho, todos os anos, realizavam-se em Vaginhas as Festas a S. João Baptista, que eram organizadas por Comissões nomeadas anualmente. Constavam estas festas de arraial, quermesse, procissão, fogos de artifício (deleite de crianças de 8 a 80 anos...), concertos musicais, cavalhadas, etc. É realmente uma pena que esta tradicional festa já não se realize”.

Ocorreram novamente em 1973 e 1975, tendo depois deixado de efectuar-se. Recomeçaram em 1982, sob iniciativa do Rev.^{do} Pe. Armando Delgado Marques.

Sobre este período voltaremos a falar adiante.



Entroncamento – Procissão de S. João Baptista.
– Anos 60 –

XII - AS VAGINHAS E O PADRE MANUEL CAETANO

Em princípios de Maio de 1933, o Patriarcado de Lisboa destacava para Pároco de Atalaia, Moita, Barquinha, Cardiga, Tancos e Praia do Ribatejo, com residência permanente no Entroncamento (1), o Sr. Pe. Manuel Caetano.

Deste modo, o Pároco de Atalaia, que até aí morava na Barquinha, passou a residir no Entroncamento, que pertencia à Paróquia de Atalaia.

Este sacerdote, natural da zona de Azeitão, tinha cerca de 60 anos quando chegou ao Entroncamento. Era, nessa altura, Capelão Militar em Tancos, cargo que desempenhava desde a 1ª Guerra Mundial (1914-18), altura em que foi enviado para a Flandres como Capelão do *Corpo Expedicionário Português (C.E.P.)*. Nesse cargo esteve nas linhas de "front" (na frente de batalha), onde encorajou e deu assistência espiritual aos nossos soldados.

O Pe. Manuel Caetano foi o primeiro sacerdote residente no Entroncamento.

Antes da sua chegada, os cristãos entroncamentenses muito recearam pela sua vida, pois o Entroncamento influenciado pelo *Movimento Republicano*, pela *Carbonária* e pela *Maçonaria* era um meio hostil à Igreja Católica. Porém, como depressa se veio a verificar, o Pe. Manuel Caetano cedo grangeou simpatia entre o povo, pois estando habituado à disciplina militar, sabia como tratar as várias ideologias anti-católicas que aqui abundavam na época. Este sacerdote "(...), mercê do seu feitio liberal e franco para toda a gente, da palavra fácil com que abordava fosse onde fosse, qualquer tema (religioso ou não), em discursos patrióticos, empolgava a assistência de tal maneira, que o povo logo que sonhava que o Padre Manuel Caetano

(1) in Jornal "O Entroncamento", nº 10 (06/04/1947), artigo intitulado "Elementos para a História da Paróquia do Entroncamento", escrito pelo Rev.^{do} Pe. Martinho Gonçalves Mourão.



Pormenor ampliado de fotografia de uma *Primeira Comunhão*, realizada em 1933, onde se pode observar o Rev.^{do} Pe. Manuel Caetano (ao fundo/centro: com cabeção branco).

iria falar, em qualquer local, só um impedimento muito forte levaria alguém a faltar" (1).

O Sr. Pe. Manuel Caetano desenvolveu uma intensa acção proselitista na nossa terra, fazendo com que os actos de culto passassem a ser respeitados. Como é sabido, antes da sua chegada as procissões eram ridicularizadas, oferecendo certas pessoas, provocatoriamente, copos de vinho aos sacerdotes e outros intervenientes nas procissões. Além disso, os donos da passagem que ficou conhecida como "*cu da mula*" fechavam os portões desse caminho, para obrigarem quem se dirigia à Capela de São João a percorrer um caminho mais longo, se quisesse assistir à Missa.

Todas estas situações foram apaziguadas pela figura imponente, mas sempre alegre e bem disposta do Sr. Pe. Manuel Caetano.

Além dele, também o Sr. Eng^o António Alves Gomes Leal teve, numa fase algo posterior, grande influência na modificação dos comportamentos hostis à Igreja Católica.

Grande figura da C. P., influenciou decisivamente o rumo dos acontecimentos, no sentido da pacificação dos costumes anti-clericais.

Devido ao seu carácter jovial, o Pe. Manuel Caetano impulsionou na nossa terra as festas populares em honra de São João Baptista: os anos de 1933 e 1934 foram de grande pujança para estes festejos, como já vimos anteriormente.

Devido à sua idade e saúde precárias, o Sr. Pe. Manuel Caetano viu-se obrigado a abandonar as suas funções pastorais no Entroncamento.

Foi então (1935), que veio residir para o Entroncamento o Sr. Pe. Martinho Gonçalves Mourão, em virtude de ter sido nomeado pároco das freguesias de Atalaia e Tancos e do concelho de Vila Nova da Barquinha.

Uma vez que passou a residir no Entroncamento, acumulou também o encargo de dirigir a vida religiosa desta terra.

A princípio não foi bem recebido, pois o grupo de cristãos, organizado pelo Pe. Manuel Caetano, não gostou da substituição do sacerdote, a quem estavam habituados, por um outro, estranho à vida religiosa do Entroncamento. Apesar disso, em breve haveriam de passar a amar este novo sacerdote.

(1) in Jornal "*O Entroncamento*", nº 602, artigo intitulado "*Factos históricos sobre a Capela de São João*", por Eduardo O. P. Brito.

XIII - O CHAFARIZ DAS VAGINHAS

Nas Vaginhas existia um poço, como já referimos. Sobre ele a Junta de Freguesia do Entroncamento mandou colocar um chafariz.

Apresentamos a seguir as principais datas históricas relativas a este chafariz, e que foram publicadas no Jornal "O Entroncamento" de 6/12/1990 em resultado de uma investigação dos "detectives do 5º - I" coordenados pelo Dr. Alfredo Costa.

"Eis as principais datas históricas relativas a este chafariz:

9 de Junho de 1931 - A Junta de Freguesia deliberou mandou colocar uma bomba nova no poço das Vaginhas [a antiga bomba era movida à mão através de uma roda metálica com manípulo] e construir um chafariz sobre a mesma.

7 de Julho de 1932 - Aprovou-se a planta do chafariz.

12 de Julho de 1932 - Foi apreciado o projecto do chafariz, organizado e deliberado mandá-lo a Sua Ex.^ª o Governador Civil do Distrito com o pedido de subsídio de 15 mil escudos para execução do trabalho.

17 de Agosto de 1932 - Foi apreciada a planta para o chafariz feita gratuitamente pelo Sr. Arquitecto Cotinelli Telmo [os cálculos foram efectuados pelo Eng^º. Sousa Nunes, Chefe de Divisão de Via e Obras] e também foi deliberado comunicar à Casa Capucho a recepção da bomba.

3 de Junho de 1933 - Foi deliberado agradecer aos Exmos. Sr. Governador Civil e Ministro das Obras Públicas pela dotação do chafariz das Vaginhas. Também nesta data foi deliberado mandar construir pelo Engenheiro Sequeira o referido chafariz e oficial às Obras Públicas de Santarém participando o início da obra.

12 de Junho de 1933 - Foi deliberado mandar limpar o poço das Vaginhas e colocar-lhe dois anéis de cimento em substituição do que tinha em madeira.

23 de Junho de 1933 - Foi a inauguração do chafariz das Vaginhas com a presença do Presidente da Câmara Municipal da Barquinha e do Administrador do Concelho.

Por proposta do Presidente da Junta convidou-se a pessoa mais idosa [Sr.^ª Cândida Agostinho] das Vaginhas, [pelas 20 horas] para abrir uma das torneiras [o chafariz das Vaginhas e a bomba custaram 22.612\$00] (1).

Descobrimos ainda que:

Em 23 de Agosto de 1934 - foi mandado substituir o tabuleiro de madeira (2) da Ponte das Vaginhas por um de cimento [hoje, na rua "Batalhão dos Sapadores do Caminho de Ferro", junto à sede do jornal "Notícias do Entroncamento". Esta ponte importou em 10.154\$00] (1).

E em 13 de Fevereiro de 1938 - foi pedido à Direcção dos Serviços Hidráulicos para se fazer a cobertura da Ribeira de Santa Catarina".

Na parte do chafariz fronteira à Capela, pode-se ler:

"MANDADO CONSTRUIR
PELA JUNTA DE FREGUESIA
E INAUGURADO
EM 23 DE JUNHO DE 1933".

(1) in "A criação de um Concelho na Vila do Entroncamento", p. 29.

(2) Dela nos fala Eugénio Poitout. Vide p. 53 desta obra.



CHAFARIZ DAS VAGINHAS.
– Anos 50 –

XIV - RECREIO, ENSINO E CULTURA NAS VAGINHAS

A) RECREIO

No séc. XIX, após fatigantes dias de trabalho, os únicos momentos de lazer que os habitantes do campo tinham, exclusivamente os homens, eram uma visita à taberna local.

As tabernas das Vaginhas e os seus taberneiros ficaram famosos: já atrás vimos alguns exemplos, quando falámos das invasões francesas.

No interior da taberna ou no espaço fronteiro à mesma, os homens libertavam-se das fadigas do dia, praticando alguns jogos, hoje considerados tradicionais, ou contando peripécias do dia a dia.

O taberneiro que viveu em 1850, de seu nome Bernardo, por alcunha o *Encarnado*, devido aos seus cabelos ruivos, jamais cairá no esquecimento graças a um escrito de Júlio Costa (1).

Ouçamos o que nos diz o historiador da Barquinha:

(...)O dia 15 de Agosto do ano de 1850 caiu a uma quinta feira. Nesse dia a Igreja Católica Romana festeja a Assunção da Virgem. A festa religiosa realizou-se no Domingo imediato, 18. Correu tudo sem novidade, orando um antigo frade de Tomar, Fr. José da Purificação, pessoa amiga do poeta, Francisco Gomes de Amorim, casado com D. Maria Luiza Barbosa, de Atalaya. Pelas cinco horas da tarde começou a organizar-se a procissão sob as ordens do ordenador que foi (...) João Soares.

Já haviam sido distribuídos os ciriais, as varas do pálio, os turnos do guião, andores, anjos, etc., faltando aparecer o João da Silva, sapateiro, o qual, devido á promessa pelo feliz parto da cara metade, levaria a cruz processional. Apareceu o Bernardo, taberneiro, das Vaginhas, homem hercúleo, desordeiro de nomeada, de grande barba e cabelo ruivo, o qual agarrou logo na cruz, dizendo:

(1) in *“Uma promessa que se cumpriu...”*, 1943. Artigo compilado por seu sobrinho Manuel Falcão em fonte que se desconhece.

– Levo-a eu!...

– Tenha paciência, oh! Bernardo! informou o João Soares; quem a conduzirá será o João Sapateiro, em virtude de uma promessa que tem de ser respeitada...

– Está bem! aquiesceu o homem das Vaginhas que dava o cavaco quando lhe chamavam o Encarnado, por causa da côr dos cabelos; esperemos pelo sapateirito!...

Este último não aparecia, e a procissão seguia igreja abaixo, quando o Silva, açodado, veio reclamar a cruz.

– Viesse mais cedo!... disse o das Vaginhas, erguendo o símbolo da Redenção; esperámos por você mais de dez minutos!...

E seguiu para a frente enquanto o sapateiro, furo de raiva bramava como um possesso e fazendo grande barulho...

– Quero cumprir a minha promessa! bradava ele com os olhos esbugalhados, ao mesmo tempo que bracejava... (...)

– Não há-de ser este ano! disse o Encarnado. Não estivesse na taberna a emborcar canadas de vinho!...

(...) Regressava a procissão à Igreja Matriz [de Atalaia], quando (...) o sapateirito (...), sem pensar no desacato que ia praticar, dirigiu-se ao Encarnado e pregou-lhe uma mócada com tal vontade que o prostrou, tendo este todavia, ainda tempo para, com a mão livre, lhe assentar um sóco. Logo um dos acompanhantes da procissão despiu a opa vermelha que ofereceu radiante ao agressor, dizendo-lhe com tôda a satisfação da sua alma:

– Boa lambada, oh! compadre! Ora cumpra lá a sua promessa, ainda que depois vá para a cadeia da Barquinha!...

– Deixá-lo! exclamou o João da Silva radiante (...).

(...) O homem das Vaginhas, depois de confortado com dois decilitros brancos, e de se munir de um cacete endereitava ao sapateirito...

– Ao menos larga a capa!... aconselha um dos da procissão rindo.

– Com capa e tudo - bradou o Encarnado roxo de raiva e deitando espuma pela bôca e áscuas de raiva pelos olhos...

la cair sobre o homem da cruz quando o Regedor e os cabos de polícia se interpuseram.

(...)O sapateirito, (...) já a postos de combate... entregara a cruz processional a um dos acompanhantes, e sacara de baixo da jaleca a bela moca que tinha uma correia... E a despeito da intervenção da

autoridade e seus agentes, os dois assanhados, de capas encarnadas vestidas, esmocaram-se valentemente... (...).

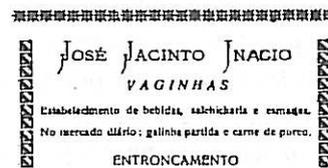
(...) O sapateirito da Atalaya e o homem das Vaginhas sómente foram passar oito dias de férias na cadeia da Barquinha.

Foram felizes... As suas façanhas eram motivo para serem galar-dados com um ano de prisão (...).

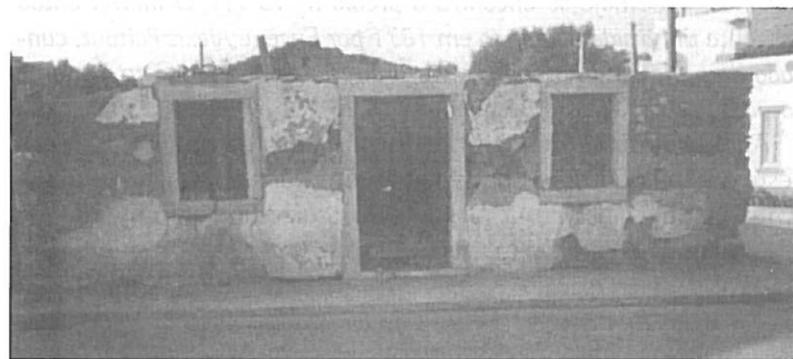
E quanto ao João da Silva, ao recordarem-lhe o lance, dizia com modos triunfantes:

– E atão? Compri a permissão ou não a compri? Até o diabo se ria!!!...”.

Nas Vaginhas existiram vários estabelecimentos comerciais. Um dos mais famosos era a Taberna do José Osgas – nome pelo qual eram conhecidas as bebedeiras que os clientes apanhavam. Para além do vinho, vendia mercearias. O edifício deste estabelecimento, actualmente “Rua António Marques Agostinho”, é muito antigo, pois o seu aparelho de construção é igual ao da Capela de S. João: todo em pedra e tijolo, ao contrário das casas das Vaginhas, que são de barro: adobe e taipa.



Anúncio de um estabelecimento comercial nas Vaginhas (1)



Antiga taberna das Vaginhas: taberna do Zé Osgas.
“Rua António Marques Agostinho”.

(1) in Jornal “O Entroncamento”, nº 1 (01/12/1930).

B) ENSINO

No que diz respeito ao ensino podemos referir que nas Vaginhas funcionou uma escola de ensino particular, a de D. Rosalina Pereira.

É que nos inícios dos anos 30 só existiam duas "mestras" particulares no Entroncamento: esta senhora já referida e a D. Palmira Lopes. Esta informação é-nos fornecida por Eduardo O. P. Brito em "O Entroncamento", de Junho de 1981.

A escola de D. Rosalina Pereira funcionou no "Largo das Vaginhas", numa casa que existiu onde é hoje a residência de D. Rosa Poitout. Para além de ensinar alunos em idade escolar normal, leccionava, também, a alunas mais velhas, onde estas aprendiam trabalhos de mãos (bordar, coser,...).

Esta professora, do ensino particular, era cunhada do Sr. Eugène Alexis Poitout, de nacionalidade francesa, que veio trabalhar para o Entroncamento nos primórdios do Caminho de Ferro e aqui se casou com Emília Pereira, residente nas Vaginhas. Este senhor foi, como já atrás referimos, o avô do Sr. Eugénio Dias Poitout, antigo presidente da nossa Câmara Municipal, de todos bem conhecido.

A identidade da professora em causa foi confirmada por uma sua sobrinha-neta e antiga aluna, D. Fernanda Poitout Barral.

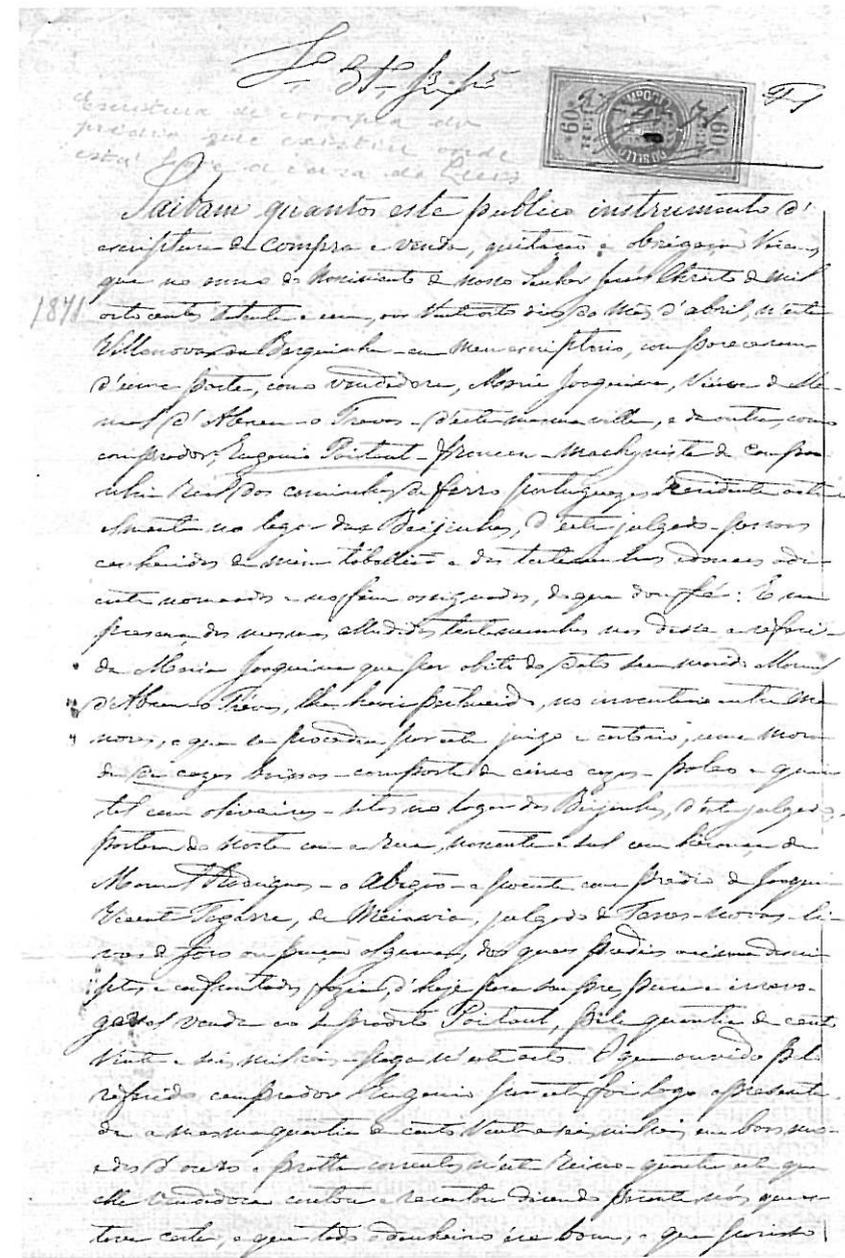
"Em 1917, começou Rosalina Pereira a leccionar no Largo das Vaginhas, onde hoje se encontra o prédio nº 13 (1). O imóvel então existente tinha sido adquirido em 1871 por Eugène Alexis Poitout, cunhado da professora Rosalina, à viúva de Manuel d'Abreu – o Trevas – natural de Villanova da Barquinha"(2).

Apresenta-se ao lado, a primeira página da escritura da compra deste imóvel. Como se pode ler na escritura e em artigo manuscrito de Eugénio Poitout (3), a compra efectuou-se por "126 mil réis, pagamento feito em moedas de ouro e prata (...)".

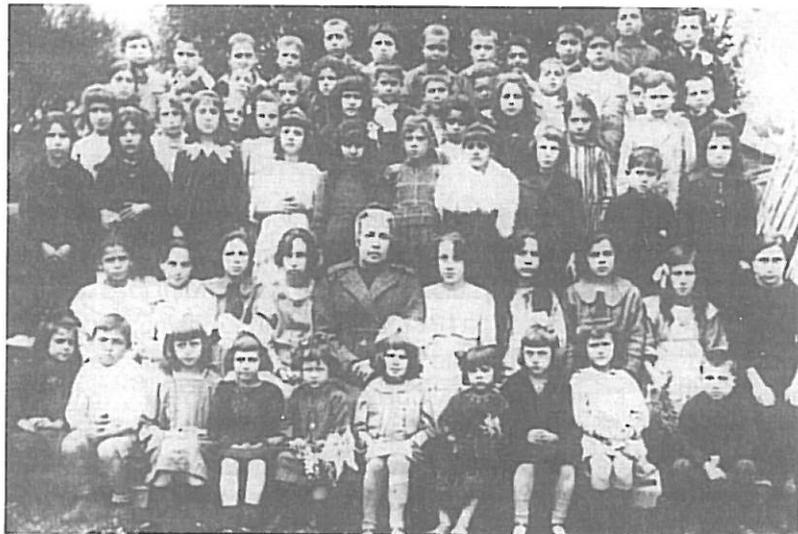
(1) Esta informação é-nos dada por Eugénio Poitout, nos seus escritos. O seu cunhado, Henrique Barral diz que a escola, em questão, era ao lado do referido prédio. O mesmo afirma Júlia Passos Diniz, antiga aluna de D. Rosalina.

(2) in "Escolas de Ontem... no Entroncamento", por Dr^a Manuela Poitout, publicado no jornal "O Entroncamento", nº 960, (19/11/1998), pp. 10-11.

(3) in "Notas biográficas de meu avô Eugène Alexis Poitout e do seu ramo de família".



Fac-simile da 1ª folha da escritura de compra, por Eugène Alexis Poitout, da casa onde funcionou a Escola Particular das Vaginhas.



D. Rosalina Pereira e seus alunos: 1921.



Casa que está no local onde era a escola de ensino particular das Vaginhas.

Não quero terminar esta parte do nosso trabalho dedicada à professora Rosalina Pereira, sem antes referir que ela teve uma irmã chamada Amélia Pereira, que foi levada das Vaginhas para França, por um tio, aos 9 anos de idade. Em 1882, Amélia Pereira conclui, em Paris, um curso de inglês como a melhor aluna. Acresce ainda que terá sido a primeira mulher portuguesa a frequentar a Sorbonne. (1).

Em 1931, iniciou-se uma Campanha de "Pró-Instrução Vaginhas" para o estabelecimento de uma escola no Bairro das Vaginhas.

(1) Cf. "Das Vaginhas para Paris, no séc. XIX: Amélia Pereira", por Dr^a Manuela Poitout, in "O Entroncamento", nº 940 (22/01/98), p. 11.

Para tal, constituiu-se uma Comissão Angariadora de Fundos que formou várias listas, distribuindo-as por algumas pessoas encarregadas de recolher os eventuais donativos.

Tal recolha decorreu durante todo o ano de 1931, como pude observar no jornal "O Entroncamento", do mesmo ano.

Neste quinzenário aparecem várias referências à Campanha de "Pró-Instrução" que estamos a tratar.

Assim, no número 6 do referido jornal (15/02/1931), podemos ler:

"A Comissão continua seguindo o caminho que marcou, procurando todos os meios para angariar donativos.

Agradece a todos os que colaborem nesta obra e comunica que a partir do dia 20 do corrente irá colher as importâncias das listas distribuídas, começando então a ser feito o depósito na Caixa Económica Postal.

A Comissão (...)"

No número 8 (15/03/1931), encontramos o registo de algumas listas de recolha de fundos. Por aqui, ficamos a saber que, pelo menos, treze listas foram formadas, tendo-se apurado até essa altura a quantia de 267\$50.

Apesar de tudo isto, segundo sabemos, nunca chegou a ser construído nenhum edifício específico para ser escola nas Vaginhas.

C) CULTURA

Nas Vaginhas, mais propriamente no "Largo de S. João" (1), tinha a sua sede um "Grupo Recreativo Musical" denominado "Ramalhete", conhecido, também, pelo nome de "Pingo Olho". Ele proporcionava à população alguns teatros e os seus bailes, que ficaram célebres.

Sobre esta colectividade e as suas actividades culturais diz-nos Armando Rodrigues de Oliveira (2):

(1) Opinião diferente tem o Sr. Henrique Barral, quando diz que a sede desta colectividade se localizava na "Rua Silva Porto". Talvez esta rua tenha sido a segunda localização da sede em questão.

(2) Apontamentos manuscritos que me forneceu em 3 de Abril de 1999.

"SOCIEDADE RECREATIVA RAMALHETE
VAGINHAS

Localização: Largo da Capela de S. João.

Durante anos manteve um grupo musical que tinha o nome da colectividade: Ramalhete.

Recordo alguns dos seus componentes: Mário Brás, trompetista; João Figueiredo, bandola e Mejengra, viola. O primeiro, funcionário do Exército, na Manutenção Militar; o segundo, chefe de secção da CP e o terceiro, maquinista, também da CP.

O grupo abrilhantara os bailes da colectividade e outros na Moita, Árgea, Barroca e Onze Unidos do Entroncamento.

A viúva do Mejengra, há tempo ainda vivia no Entroncamento, era natural da Moita. Do João Figueiredo posso dizer que morava na Ponte da Pedra, tendo falecido há cerca de 13/14 anos. A esposa faleceu depois, assim como os filhos (dois), que também faleceram com idades de pouco mais de jovens. As viúvas ainda são vivas".

Por volta de 1934, surgiu nas Vaginhas o "Grupo União Musical Vaginhense", que melhorou muito com a dissolução do "Grupo Recreativo Musical – O Ramalhete"

Esta informação colhemo-la na Revista "Ribatejo Ilustrado", n.º 2 – Julho de 1934. Nela se diz que este grupo das Vaginhas, "Grupo União Musical Vaginhense", é um "(...) agrupamento de recente fundação (...)".

XV - A HISTÓRIA RECENTE DAS VAGINHAS

O Sr. Pe. Martinho Gonçalves Mourão, primeiro pároco do Entroncamento (que aqui viveu (1) entre 1935 e 1954), teve, como primeira obra que efectuou, na nossa terra, a construção de uma sala de reuniões contígua à sacristia na Capela das Vaginhas.

Para além disto, comprou, em 1938, uma nova imagem de São João Baptista (a actual) para substituir a antiga imagem que era de madeira e que se encontrava roída pelo bicho-da-madeira, tendo esta sido entregue a um museu.

Segundo o Sr. Eduardo O. P. Brito, a antiga imagem, além de ser maior do que a actual, possuía um carneiro muito branco: certamente "o Cordeiro de Deus". S. João e o "carneiro" amparavam-se mutuamente, uma vez que este estava de pé, apoiado nas patas traseiras, segurando-lhe o Baptista nas patas dianteiras. A imagem de S. João tinha um rosto juvenil.

Após a inauguração da Igreja Paroquial (07/07/1940) deixou de se celebrar missa na Capela de São João das Vaginhas, a não ser por ocasião das Festas Populares em honra do Nascimento deste Santo: 24 de Junho.

Em 1949, o Sr. Pe. Martinho alugou, ao Sr. Joaquim Ferreira, um imóvel, que até então servia de salão de baile, para que aí se adaptasse uma capela: surgia, assim, a Capela de Nossa Senhora de Fátima. Com este facto, foram transferidos os paramentos e alfaias litúrgicos da Capela de São João das Vaginhas para a Capela de Nossa Senhora de Fátima.

Com o tempo, a Capela das Vaginhas foi-se degradando, tendo sido restaurado o altar pelas Comissões de Festas dos anos de 1962 e 1963. Porém, tal restauro não foi suficiente, chegando a degradação ao cúmulo do telhado da nave ter ruído totalmente.

(1) Cf. "Elementos para a História da Paróquia do Entroncamento", pelo Pe. Martinho Mourão. Trata-se de uma série de crónicas onde ele fornece muitas informações sobre as Vaginhas. Já ao longo deste trabalho lhes fizemos referência. Foram editadas em livro pelo Jornal "O Entroncamento", em 1997.

Com o Rev.^{do} Pe. João Gonçalves, chegou-se ao ponto de se idealizar a destruição da capela, que se encontrava em ruínas, e a construção de uma nova que servisse melhor os interesses da população. No interior da nova capela seria construída uma casa mortuária. Se a uns agradava o projecto, aos mais bairristas, tal parecia um absurdo. Quanto a nós, só podemos concluir que teria sido um tremendo erro, impossível de reparar mais tarde: as Vaginhas e o Entroncamento teriam perdido, irremediavelmente, o seu monumento mais antigo e mais querido da população.

Tal assunto gerou uma grande polémica que pode ser estudada através da *Revista Nova*, nº 3, (Outubro de 1980) e nº 4 (Novembro de 1980). Também na *Folha Paroquial* nº 104 (13/03/1977) podem ser encontrados dois excelentes artigos sobre esta acesa disputa. Aí se pode ler:

“CAPELA DE S. JOÃO

Em carta data de 25/5/74, a Câmara Municipal do Entroncamento comunicava ao pároco:

«Para conhecimento de V. Ex.^a cumpre-me transcrever o parecer emitido pelos Serviços Técnicos desta C.M., com o qual se concorda:

– “A capela está em muito mau estado, no respeitante à cobertura. O seu valor arquitectónico, a sua manutenção no local exacto onde está, terá que ser modificado para conveniente alargamento da rua, conforme projecto já aprovado. Conviria no entanto manter na zona uma capela com o mesmo nome, por motivos tradicionais”».

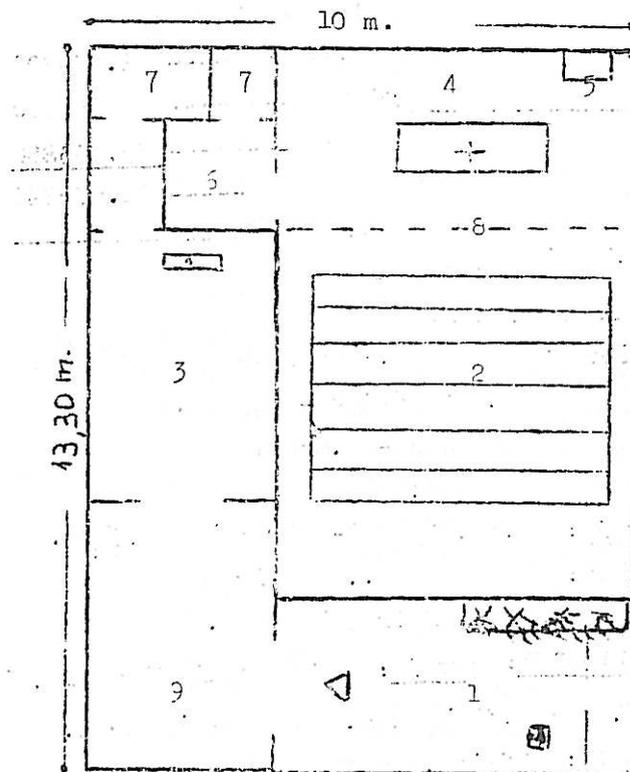
Desde então, a Paróquia tem feito diligências para solucionar o problema. Neste momento, os técnicos dizem que nem as paredes se podem aproveitar, dado que, construídas com adobos [??] e sem fundações capazes, não suportariam as necessárias obras de reparação.

O projecto para ali sugerido é o que, dentro de um estilo actual, melhor parece respeitar as linhas do edifício até agora existente, contribuindo para embelezar o local onde teve o seu primeiro berço a povoação que é agora a Vila do Entroncamento. Para recordar o edifício primitivo sugerimos a colocação de um painel de azulejo na parede exterior, que talvez pudesse ser oferta dos moradores da zona.

O edifício deverá ser recuado em relação ao actual, criando maior espaço para o Largo de São João. Quanto ao resto, terá as mesmas

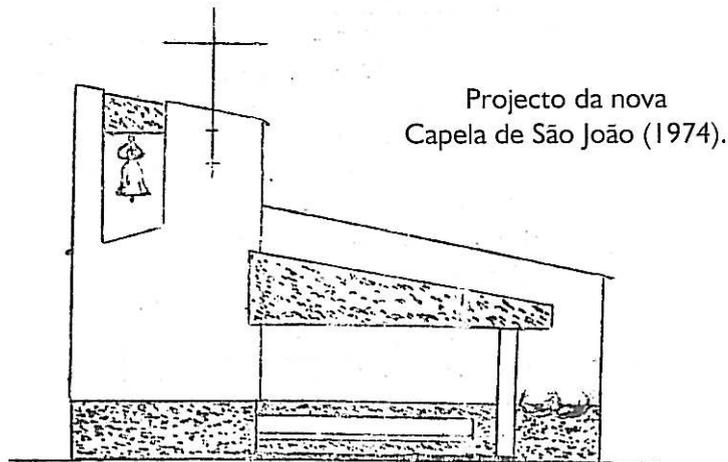
dimensões do actual e ficará preparado para responder a algumas necessidades prementes do nosso meio e da paróquia.

Podem pois parar as campanhas e os boatos que em nada servem os interesses da população, mas visam somente alimentar o espírito mesquinho e a intriga. A obra precisa da boa vontade de todos pois é do interesse de todos”.



- 1 - Entrada
- 2 - Asssembleia
- 3 - Casa mortuária
- 5 - Sacrário
- 4 - Altar
- 6 - Sacristia
- 7 - Instalações sanitárias
- 8 - Porta de correr
- 9 - Sala de entrada

Planta da nova
Capela de São João:
- 1974 -



Projecto da nova
Capela de São João (1974).

O outro artigo intitula-se
"SUBSCRIÇÃO PARA A CAPELA DE SÃO JOÃO"

Diga-se de passagem que o prior não mandou recolher nenhuma assinatura para pedir à Câmara o não alargamento da rua. Seria uma atitude tola, quando na verdade o alargamento só vem valorizar o largo e permitir melhor ambientação da capela.

O interesse de todos no arranjo desta obra está patente na espontaneidade com que têm vindo a contribuir.

Ofertório do 1º Domingo de Março:

– Igreja.....	1.475\$00
– Capela de Nª Sr.ª Fátima.....	950\$00
– Saldo do mês anterior.....	79.253\$80
TOTAL.....	81.679\$30".

Felizmente, que estes arroubos de juventude, influenciados pelo 25 de Abril de 1974, foram inconsequentes.

Abandonados esses planos, deve-se à acção do Sr. Pe. Armando Delgado Marques, pároco que substituiu o anterior, a reconstrução de tão significativa Capela, não só para os habitantes das Vaginhas, mas para todo o Entroncamento. O restauro da Capela de São João Baptista foi a sua primeira obra na paróquia. Tomou posse em Setembro de 1981 e as obras iniciaram-se em 26/04/1982, tendo-se prolongado, ainda, pelo ano seguinte: terminaram a 26/06/1983. Além do restauro do edifício em si, também foram restauradas e pintadas as imagens dos Santos.

Segundo a tradição oral, das pessoas mais antigas das Vaginhas, esta foi a quarta reconstrução da capela original, a saber: 1ª - Séc. XVIII (1734); 2ª Séc. XX (anos 20); 3ª - Anos 60; 4ª - Anos 80; certamente outras houve!

Embora não nos possamos debruçar tão profundamente, quanto gostaríamos, sobre o tema desta última reconstrução da Capela de S. João Baptista, diremos ainda que o Sr. Pe. Armando teve consigo uma equipa verdadeiramente dinâmica, que o ajudou a levar a bom termo a reconstrução da obra. Foram os seus membros: D. Maria Susana Carvalho Araújo da Silva Estudante, Sr. António Luís Cadete, Sr. José Carlos Messias e D. Benedita Máximo.

Para os leitores que se queiram inteirar da questão da reconstrução da Capela, aconselhamos as seguintes leituras:

- "Revista Nova" (*Informação Local* [sobre o Entroncamento] e *Regional*), nº3 (Outubro de 1980); nº4 (Novembro de 1980); nº6 (Outubro de 1982);
- "O Almonda", nº3318 (18/06/1982);
- "O Entroncamento": vários jornais dos anos de 1982 e 1983.

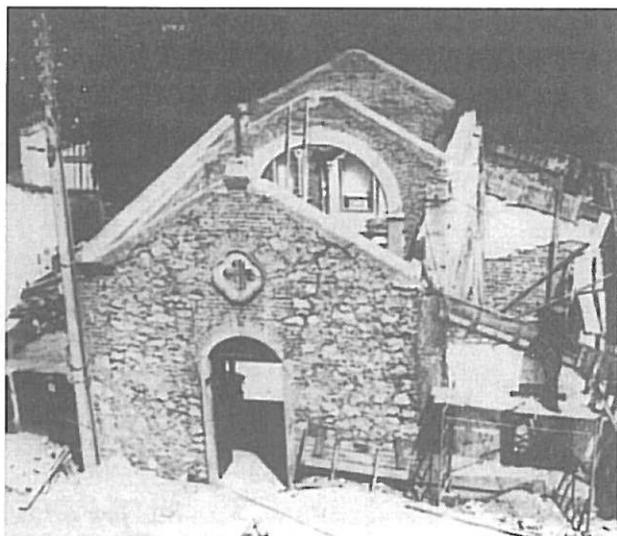


A Capela das Vaginhas em 1980 (1).

(1) Fotografia recolhida na "Revista Nova", nº3, Outubro de 1980.



Capela das Vaginhas antes de ser reconstruída em 1982/83 (1).



A Capela de S. João Baptista, aquando da sua reconstrução, em 1982/83 (1)

(1) Fotografias cedidas por D. Susana Estudante.

Para além da reconstrução da Capela, deve-se à acção do Sr. Pe. Armando o recomeço das tradicionais Festas Populares, em honra de São João, a 24 de Junho, o reinício das procissões, nomeadamente a de São João Baptista.

Nesse dia, desfilavam processionalmente pelas ruas, as imagens deste Santo Popular, as restantes da Capela das Vaginhas e o sacerdote debaixo do pálio, acompanhados por banda de música.

Nos primeiros anos, após a sua vinda para o Entroncamento, celebrava missa de festa campal na zona norte (junto à Capela de Nossa Senhora de Fátima), seguida de procissão até às Vaginhas.

Em 23/06/90 fez-se, publicamente, a proclamação de São João Baptista como "Padroeiro do Concelho do Entroncamento".

Esteve, entre nós, o Senhor Bispo de Santarém, D. António Francisco Marques, que participou, pelas 15 horas e 30 minutos, numa sessão solene nos Paços do Concelho. Pelas 17.00 h, presidiu a uma solene procissão (que partiu da Igreja Paroquial) e concelebrou Missa de Festa no largo fronteiro à Capela de São João das Vaginhas.

No fim da liturgia, em presença das autoridades do Concelho e de mais entidades convidadas, foi descerrada uma placa toponímica consagrando o "Largo da Capela", também conhecido por "Largo do Chafariz", a São João Baptista: ficou a chamar-se "Largo de São João Baptista".

Desta forma, foram satisfeitos os anseios da população, que sempre teve em São João Baptista o seu patrono favorito.

Em 1990 e 1991, a procissão de S. João partiu da igreja paroquial, devido às dificuldades originadas pelo corte de trânsito no Viaduto Eugénio Dias Poitout, e foi celebrada missa campal de festa à chegada às Vaginhas.

Nos anos de 1992, 1993 e 1994, fez-se a Festa Popular, encontrando-se a festa religiosa restringida a missa campal solenizada no adro da Capela, em 24 de Junho.

Em 1995 houve procissão solene e Missa de Festa junto da Capela no dia 25 de Junho, mas o arraial não se efectuou. Nesta data, o pároco comprou uma imagem nova de S. João Baptista e um andor para sair nas procissões, acautelando assim a imagem de S. João, adquirida em 1938.

Nesse ano, o Pe. Armando, em homilia da referida missa, afirmou ter a Paróquia desistido dos arraiais populares de S. João, pois “hoje em dia, empreendimentos desta natureza não se compadecem com voluntários e amadorismo, necessitando de apoios monetários, e pessoal especializado que só a Câmara possui”. (1)

Segundo o Sr. Pe. Armando, “ (...) a Paróquia perdeu a corrida na manutenção das Festas de S. João, em favor da Câmara e das Festas da Cidade (...)” (1), que se comemoram a 21 de Junho.

Em 1996 só se realizou a missa solene do nascimento de S. João, no Largo das Vaginhas.

A partir de 1997, houve entendimento entre a C.M.E. e a Paróquia do Entroncamento, tendo as Festas de S. João Baptista das Vaginhas passado a integrar-se nas Festas da Cidade do Entroncamento, que se passaram a denominar Festas da Cidade e São João.

O arraial foi conjunto, tendo a Paróquia a seu cargo seis *tasquinhas*. A procissão, na qual se integraram as forças vivas do



Largo de São João engalanado para a Missa Campal – 1997.

(1) in “Festas de S. João Baptista – 95”; artigo publicado no Jornal “O Entroncamento”, nº 875 (06/07/95), p. 5.



1997:
A última procissão de São João Baptista, presidida pelo Rev.^{do} Pe. Armando.



1997 – O sermão de São João Baptista.

Concelho e a banda do Entroncamento, partiu da Igreja Matriz para as Vaginhas, tendo havido Missa campal no "Largo de S. João". (1)

Em 1998, não houve procissão, devido ao dia de S. João cair no meio da semana. Nesse dia, veio até nós o novo Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino, que celebrou Missa na Igreja Paroquial da Sagrada Família.

Em 1999, estando já doente o Rev.^{do} Pe. Armando Delgado Marques, foi celebrada a Missa do Dia de S. João na Igreja Matriz, pelo Rev.^{do} Pe. José Luís Borga, como administrador paroquial.

Em Junho de 2000 (2), existindo duas paróquias na Cidade, (o que aconteceu a partir de Setembro de 1998), a Paróquia da Sagrada Família levou a cabo as Festas de S. João Baptista.

Houve festa religiosa com Missa da Vigília de S. João, no dia 23 (sexta-feira) na Capela das Vaginhas, pelas 21:30H. No dia seguinte, 24 de Junho, celebrou-se missa na Igreja Matriz, pelas 17:00H, concelebrada pelos Rev.^{dos} P^{res} João do Monte e Freitas e António José de Brito (párocos *in solidum* da Paróquia da Sagrada Família) e José Luís Borga (pároco da paróquia de Nossa Senhora de Fátima), pertencentes à cidade do Entroncamento.

Após a Eucaristia, seguiu-se a procissão de S. João, acompanhada pela Banda de Música do Entroncamento e das principais entidades oficiais da Cidade, rumo à Capela das Vaginhas, com as seguintes imagens: S. João Baptista, N^a. Sr.^a da Conceição (a diocese celebrava as suas *Bodas de Prata*, cuja padroeira é essa santa) e N^a. Sr.^a de Fátima.

Note-se que, desde 1991, não saíam as imagens de N^a. Sr.^a da Conceição e de N^a. Sr.^a de Fátima. Este foi o último ano em que saíram em procissão todas as imagens existentes na Capela das Vaginhas.

Em 2000, a pedido da paróquia organizadora, a Paróquia de N^a. Sr.^a de Fátima esteve presente, quer através do seu pároco, quer através de quatro dos seus paroquianos que levaram o andor de N^a. Sr.^a de Fátima e de quatro senhoras que transportaram a colcha branca à frente do mesmo.

A Igreja teve a seu cargo duas *tasquinhas*. Os fundos obtidos reverteram para a reparação do telhado da Igreja Matriz.

(1) Cf. "Festa litúrgica de S. João Baptista", in jornal "O Entroncamento", nº 927 (03/07/1997), p. 11.

(2) Cf. "Festas da Cidade e São João 2000 – os momentos para recordar...: Procissão de São João", in "O Entroncamento", nº 995 (30/06/2000), pp. 8/9.



O Cortejo de entrada para a Missa de Festa de São João 2000.



Os três párocos da Cidade.



Aspecto geral da Capela-mor.



O Grupo Coral.



A procissão de Junho de 2000 – Aspecto geral.



24/06/2000:
A imagem de
São João,
adquirida,
em 1995,
para as
procissões.



Os novos párocos da Sagrada Família, durante a procissão de São João – 2000.



A Chegada ao Largo de São João Baptista.



Fotografia da Comissão de Festas de S. João – 2000.

Embora a fotografia não apresente a totalidade dos elementos desta Comissão, por razões que nos transcendem, a maior parte ficou retratada na imagem apresentada.

Da esquerda para a direita:

sentadas - D. Lurdes Vital, D. Piedade do Rosário (zeladora da Capela de S. João das Vaginhas) e D. Rosa Mexia.

de pé - D. Idalina Martins, Sr. João Vital, Luís Batista, Sr. Ferreira, à frente deste, Lina Martins, D. Lurdes Lopes, Sr. João Marques (falecido neste mesmo ano), D. Graça Marques, D. Rosa Caleiro, à frente dela, D. Amélia Guia, ao fundo Cláudia Pereira, à sua frente, Carla Pereira, Sr. Hermínio Simões e D. Adelaide Pereira.

Para além destes, foram membros da Comissão os seguintes elementos: Sr. Adelino Lopes (coordenador geral da Comissão); Sr. Mata (tesoureiro da Comissão), Sr. Ângelo Matos; Sr. Valente, Sr. José Carvalho, Sr. Lopes, D. Maria Odete, D. Mariana, D. Fernanda Pereira, D. Luísa do Rosário, D. Maria de Fátima e a jovem Marta.

O aspecto das Vaginhas nem sempre foi aquele que hoje conhecemos. Por exemplo, o "Largo das Vaginhas" não existia, possuindo casas no sítio onde está o pequeno jardim com os seus canteiros e algumas árvores. As casas foram destruídas e criou-se uma zona ajardinada formando um largo arborizado. Eis o que diz F. Silva no Jornal "O Entroncamento" de 16/10/86:

"(...) O tão decantado Largo das Vaginhas, como agora se lhe chama, nem sempre foi assim. Noutros tempos, bastante recuados, mas não tanto que não tenhamos vivido nessa época, no local onde existe agora aquela placa central e mais uma porção de arruamentos, existiam casas. Sim, casas, estimado leitor. E casas que davam "costas" umas às outras, isto é, habitações independentes e cada uma tinha frente para a sua rua".

Hoje, infelizmente, quatro casas que davam para o "Largo das Vaginhas", já foram deitadas abaixo para dar lugar a prédios de quatro andares. Saliente-se que foi deitada abaixo a casa que serviu durante anos como a "mercearia das Vaginhas".

Sobre este assunto, também Manuela Poitout(1) nos diz o seguinte:

"O Largo não tinha a configuração que tem hoje. Era rodeado por casinhas muito modestas onde viviam pessoas de que já não há memória, a não ser algumas remotas lembranças de figuras mais conhecidas como a Maria Pequena e o Cara Torta. As melhores casas do Largo eram as das famílias Guia e Passos, esta última demolida há pouco tempo, devido ao seu estado de degradação e derrocada parcial".

Também Eduardo O. P. Brito, nos fala a respeito das famílias originárias das Vaginhas. De entre elas distinguiam-se as mais antigas, que eram as " (...) Famílias Bandeja, Diniz e Passos"(2).

Ao longo dos tempos, as Vaginhas modificaram-se muito: hoje, já tem prédios, já tem um pub ou bar, o *Adágio*, vivendas modernas e muito mais.

Seria bom que parássemos e reflectíssemos, sobretudo quem detém o poder, em salvar o que resta das Vaginhas.

(1) in "Escolas de Ontem... no Entroncamento", artigo publicado no jornal "O Entroncamento", nº 960 (19/11/1998), pp.10/11.

(2) in "Notícias do Entroncamento", de 25/02/94.

É preciso que a ânsia de construção desenfreada pare, de uma vez por todas, nas Vaginhas.

Salvem-se as casas de adobe e de taipa que ainda restam, pois de contrário, qualquer dia só as poderemos contemplar através das réplicas em miniatura que o Sr. Luís Filipe, artesão do nosso concelho, executa!

É preciso colocar em prática o sonho do falecido Pe. Armando. A Câmara Municipal deveria comprar as casas do Sr. José Passos Diniz e o olival juto à Capela de S. João, preservando, assim, ao menos, estas duas casas e este espaço de oliveiras centenárias.

Posteriormente, devia adaptar as habitações para um *Museu de Arte Sacra das Vaginhas*, ou para um *Museu Etnográfico* sobre os antigos *Casais das Vaginhas*.

Quanto ao olival, porque não transformá-lo num jardim-horto, a exemplo daquele que existe em Constância!

Seria um óptimo local de repouso, bastante aprazível. Aí poder-se-ia observar a flora que existia na *Charneca das Vaginhas*, local onde o Entroncamento se instalou.

Senhores autarcas, olhem para trás e vejam os erros e as destruições verdadeiramente vandálicas que por cá se fizeram no nosso passado recente.

Parece que ouço São João Baptista a bradar da sua Capelinha: "Preparai o caminho do Senhor, endireitai as Suas veredas"(1) ... MAS SEM DESTRUÍREM O QUE RESTA DAS VAGINHAS !

(1) in "Evangelho de São Mateus"; Cap. 3, v. 3.

XVI - A CAPELA ACTUAL

Actualmente, 18 anos após a reconstrução de 1982/83, a Capela de São João das Vaginhas apresenta a seguinte estrutura :

a) Uma só nave, com duas pias de água benta, à direita e à esquerda da porta de entrada, púlpito e pia baptismal;

b) O topo da Capela - voltado a Nascente, conforme a tradição, contém em si a capela-mor, separada da nave por um arco triunfal.



Pia de água-benta e
Pia baptismal.



Púlpito.

Nela podemos observar: o altar com o sacrário (restaurado), os castiçais de talha dourada e a imagem de São João Baptista, patrono da Capela, integrada num retábulo de madeira dourada. O altar teve, em tempos, um crucifixo antigo de pau santo, com um Cristo de madeira (Séc. XVIII), e que está hoje no baptistério da Igreja Paroquial.

Na base do altar, do lado direito, está afixada uma lápide que refere o restauro do mesmo pela Comissão de Festas dos anos de 1962/63.

A capela-mor tem também dois nichos incrustados na parede, com cercaduras em madeira. No nicho, do lado de Epístola (à di-

reita de quem entra na Capela) está a imagem de Nossa Sr.^a da Conceição (talvez a mais antiga das que hoje se apresentam, com a sua coroa em filigrana); à direita, encontra-se também a porta da sacristia e a credência, incrustada na parede (hoje ostenta uma imagem de S.ta Teresinha do Menino Jesus). No nicho da esquerda, o lado do Evangelho, está uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, e sobre uma pequena mísula, está a imagem de N.^a Sr.^a do Rosário de Fátima. Sobre um supedâneo tem, a capela-mor, o altar actual virado para o povo, conforme determina o Concílio Vaticano II, três bancos, para os ministros sagrados, dois castiçais grandes e o ambão.

A Capela de São João é iluminada por uma janela na capela-mor e por duas pequenas janelas a meio da nave, uma de cada lado da mesma. Tem, ainda, um pequeno óculo na fachada, sobre o portal. A meio da nave, suspenso do tecto, possui a Capela um lustre de cristal.

A sacristia é servida por uma pequena passagem que comunica com a rua.



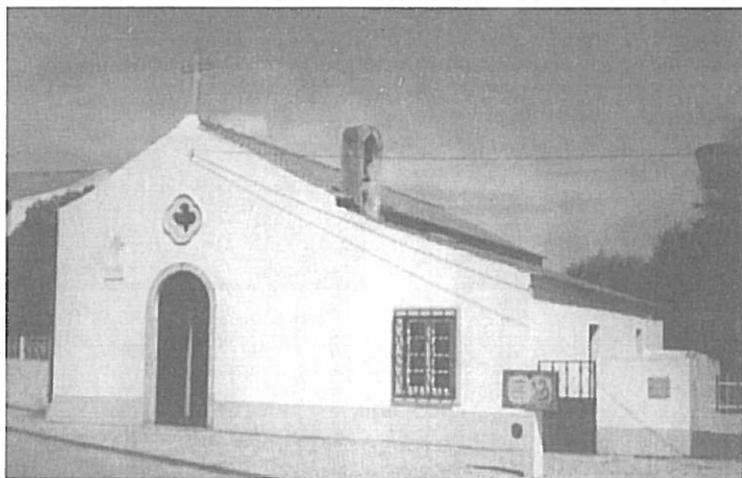
Imagem do Sagrado
Coração de Jesus.



Imagem da Imaculada
Conceição de Nossa Senhora.

Na sala que foi acrescentada pelo Pe. Martinho Mourão guardam-se duas imagens (uma pequena de São João Baptista e a pseudo-imagem de "S.ta Filomena"), a cruz de ferro que outrora encimou a fachada da Capela e uma vitrine com algumas antiguidades da Capela (missal tridentino, dobradiças da antiga porta da Capela, ferrolhos, uma telha, uma pequena chave (do sacrário?) cavilhas de ferro, etc.) (1).

Na fachada da Capela, do lado esquerdo, pode admirar-se um azulejo comemorativo da Imaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora, datado de 1940 e uma lápide comemorativa do último restauro da mesma (1982/83); uma cruz de pedra encima o telhado de duas águas: abaixo, a data de 1734 e a inscrição já referida. Na primitiva parede lateral direita encontra-se o campanário, composto pelo sino, suspenso num pequeno arco de volta perfeita.



A Capela das Vaginhas na actualidade.

(1) Na Igreja Paroquial da Sagrada Família guarda-se um *cofre dos santos óleos* do séc. XVIII, pertença da Capela das Vaginhas. Esta pequena arca contém as âmbulas (os recipientes para os santos óleos a utilizar nos Catecúmenos – os que vão receber o baptismo –, no Crisma e nos Enfermos), em forma de bilhas de azeite. Na mesma Igreja encontra-se a *caldeirinha de água-benta* e o *hissope* (séc. XVIII), de que à frente se mostra fotografia.

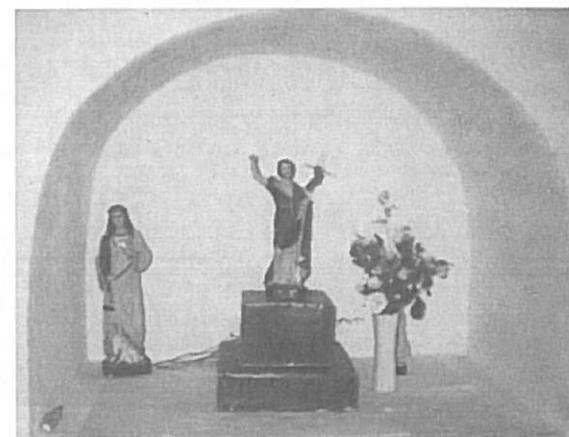
De igual forma, na sacristia da Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª de Fátima do Tronco, está guardada uma imagem do *Menino Jesus*, do séc. XVIII, em madeira. Também ela pertence à Capela de S. João das Vaginhas.



Imagem de S.t.ª Teresinha do Menino Jesus.
Roubada em 2000, mas recuperada.



Imagem de N.ª Sr.ª do Rosário de Fátima.



Nicho da dependência anexa à Capela de São João das Vaginhas.

CONCLUSÃO

Neste trabalho tentei fazer e dar a conhecer uma pequena *História dos Casais das Vaginhas*.

Não pretendi ensinar ninguém, antes quis compartilhar com todos vós aquilo que eu aprendi ao investigar algumas fontes escritas e orais sobre o tema.

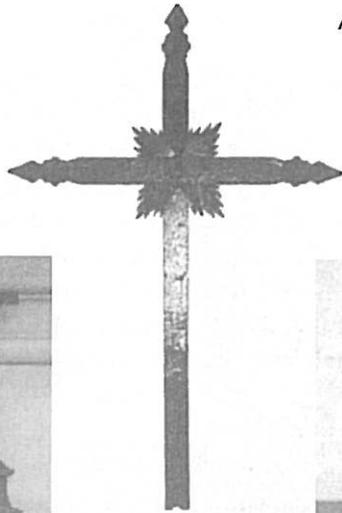
Longe de mim pensar que este trabalho está completo!

Há sempre algum documento esquecido à espera de alguém que o leia e estude: é esse o encanto e a magia da História – não ser uma ciência exacta, e que por isso está em permanente e constante evolução.

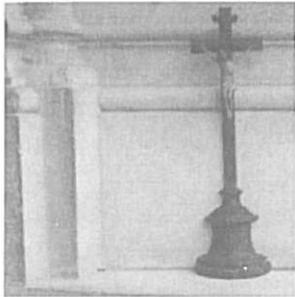
Se algum mérito tem este estudo, penso que ele reside no facto de deixar compilado por escrito tudo quanto me foi possível encontrar sobre as Vaginhas. Porque tal como diz D. Afonso Henriques, num diploma de doação, ao Mestre Gualdim Pais:

"Fiel guarda da memória é a escrita, porque renova as coisas antigas, confirma as novas, conserva as confirmadas e representa as conservadas, para que as notícias delas se não entreguem ao esquecimento dos vindouros"(1).

(1) Citado por Vitor Péon, in *"Gesta Heróica. Factos e aventuras da História de Portugal"*.



Antiga cruz
da fachada
da Capela.



Crucifixo da Capela
das Vaginhas.



Caldeirinha e Hissope.



Vitrine com várias antiguidades da Capela de São João.

Apêndice

Casas do “Largo das Vaginhas”



Casa da família Passos, hoje desaparecida, com águas-furtadas ou mansarda.



Antiga Merceria das Vaginhas, já desaparecida.

Casa da “Rua Padre Manuel Caetano”.

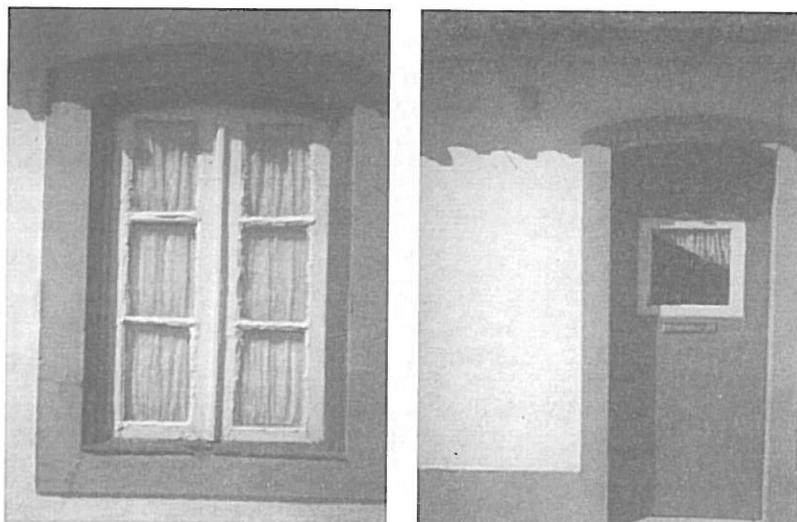


Casas do “Largo de São João Baptista”.



Casas pertencentes ao casal José e Júlia Passos Diniz.

Porta e janela de uma casa do beco do
"Largo de São João Baptista".



© 2012 by Os Casais das Vaginhas

Casa da "Rua Silva Porto".



Casa da "Rua António Marques Agostinho".



Casa de devoto de S. João Baptista.
Salienta-se o painel de azulejo colocado junto à porta.

Casa da "Rua Silva Porto".





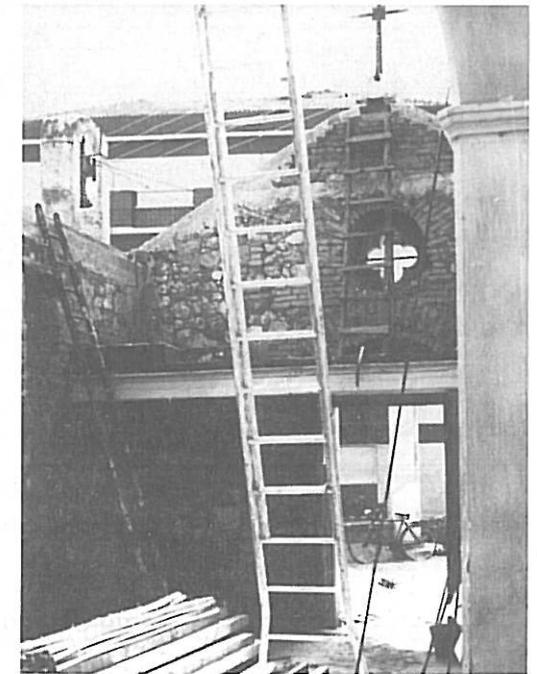
A primeira Missa Campal celebrada pelo Rev.^{do} Pe. Armando, em 1982, antes do começo das obras de reconstrução da Capela das Vaginhas (1).



1982:
O foguete que deu início às obras de reconstrução da Capela (1).



Outra imagem da referida Missa Campal:
Altar de S. João, improvisado (1).



1982/83:
O interior da Capela em reconstrução (1).

(1) Fotografias gentilmente cedidas por D. Susana Estudante.

(1) Fotografias gentilmente cedidas por D. Susana Estudante.



Oliveira secular.
Quintal no "Largo de São João".

A Capela das Vaginhas é m^{to} antiga. Foi edificada no município do século XVII por doctores que frequentavam a escola. O seu orgão é das Jãs Bárbara. Há m^{to} devoção pelo d^{to} orgão e celebram-se uma festa no dia 24 de Junho com júbilo.

No município do século XX o culto desmereceu m^{to} a devoção do povo das casais das Vaginhas.

Segundo o registro paroquial de freguesia de Alatalá em 1607 (Século XVI) já existia o lugar com o título de Paróquia

Quando os franceses passaram pela Alta-Ataláya em 1810 e 1811 houve m^{to} dano no local chamado então CASAIS DAS VAGINHAS

O povo então sob o comando de cecilia e abrupço fizeram uma emboscada a um destacamento francês (Dezembro de 1810) que tinham cometido excessos no lugar de Alatalá, freg. de Alatalá, na Topografia, Vale de Serxos, Paróquia (que então era um lugar pertencente à freguesia de Alatalá, já extinta).

Primeira página autógrafa de Júlio César de Sousa e Costa, in Folha Manuscrita – Setembro de 1949.

BIBLIOGRAFIA

a) Fontes

I - Fontes Orais

Sr. Armando Rodrigues de Oliveira (Moita do Norte);
Sr.^a D. Cremilde Bandeira (Vaginhas – Entroncamento);
Sr. Eduardo O. P. Brito (Entroncamento) ;
Sr.^a D. Fernanda Poitout Barral (Entroncamento);
Sr. Henrique Barral (Entroncamento);
Sr. José António de Carvalho (Entroncamento);
Sr.^a D. Júlia Passos Diniz (Vaginhas – Entroncamento);
Sr.^a D. Maria José Galinha (Entroncamento)

O primeiro e o terceiro, preciosos, pelas informações sobre as Vaginhas e o Entroncamento, nas suas vertentes social, religiosa, política e cultural. O sexto pelas informações de carácter religioso relativas às Vaginhas.

O casal Barral pelas informações relativas à "*Escola de Ensino Particular das Vaginhas*", uma vez que pertencem à família de D. Rosalina Pereira e foram alunos da mesma.

D. Cremilde e D. Maria José foram de extrema importância para a identificação de vários elementos da Comissão de Festejos das Vaginhas de 1913.

D. Júlia foi utilíssima pelas informações prestadas sobre a Capela de S. João e sobre as Vaginhas.

II - Fontes Manuscritas

Arquivo Distrital de Santarém:

Livros de Registo Paroquial:

Livros n.ºs 1, 2 e 3 de Registo Baptismal da Paróquia de Atalaia (V. N. da Barquinha);

Livro n.º 1 do Registo de Óbitos da Paróquia de Atalaia (V. N. da Barquinha).

Arquivo pessoal de Eugénio Dias Poitout:

Escritura de compra, de uma casa situada nas Vaginhas, em 1871, por Eugène Alexis Poitout.

Manuscrito sem título, pela mão de Júlio de Sousa e Costa, da Barquinha, e que intitulámos *Folha Manuscrita / Setembro de 1949*.

Notas biográficas de meu avô Eugène Alexis Poitout e do seu ramo de família, redigido por Eugénio Dias Poitout.

Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (Lisboa):

"*Dicionário Geográfico Manuscrito (Séc. XVIII)*". Também conhecido por "*Memórias Paroquiais*" ou "*Inquéritos Paroquiais*", compilados pelo Pe. Luís Cardoso; Vol. 5; Fól. 730; "*Inquérito Paroquial de 1758 [n.º 30] - Respostas do Pároco de Atalaia*".

Núcleo Antigo n.º 293; "*Povoação da Estremadura no XVI. seculo*"
Ordem de Cristo:

Conventos de Tomar; Maço n.º 30, doc. n.º 2 (vermelho, numeração nova).

Conventos de Tomar, Maço n.º 30, doc. s/ n.º.

Biblioteca Nacional de Lisboa:

Fundo Geral: Ms. n.º 109.

S. JOSÉ (Frei João de) - "*Corografia do Reino do Algarve dividida em quatro livros*", 1577.

III- Fontes Impressas

CARDOSO (Pe. Luís)- "*Diccionario geographico ou Noticia de todas as Cidades, Villas, Lugares e Aldeas, Rios, Ribeyras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que neles se encontrão, assim antigas, como modernas*", Vol. I, Lisboa, 1747.

COSTA (Pe. António Carvalho da)- "*Corografia Portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal, com noticias das fundaçoens das Cidades, Villas & Lugares que contem: Varoens illustres, Genealogias das Familias nobres, fundaçoens de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios & outras curiosas observaçoens*", Tomo III, 2ª ed., Braga, 1868-69 (1ª ed., Lisboa, 1706-08-12).

PEREIRA (Isaías da Rosa) - "*Visitas Paroquiais na Região de Torres Novas (Séc. XVII-XVIII)*". Edição dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Torres Novas, 1992.

"POVOAÇÃO DA ESTREMADURA NO XVI. SECULO"; Edição de A. Braamcamp Freire; in "*Archivo Historico Portuguez*", vol VI; nº7, Lisboa, Julho de 1908.

b) Estudos

I- Livros

CARVALHO (Sérgio Luís) - "*Cidades Medievais Portuguesas. Uma introdução para o seu estudo*", Livros Horizonte, Coleção Perspectivas Históricas 2; 1989.

JUNTA DE FREGUESIA DO ENTRONCAMENTO - "*A Criação de um Concelho na Vila do Entroncamento*". Imprensa Municipalista, Lisboa, 1945.

GONÇALVES (Artur)- "*TORRES NOVAS. Subsídios para a sua História*"; Câmara Municipal de Torres Novas; 1ª Ed.; 1935.

MARQUES (A. H. de Oliveira) - "*A Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*". 4.ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1974.

"MUNDO DAS PLANTAS (O)", Verbo Juvenil, Vol. 6. Editorial Verbo, 1971.

PÉON (Vitor) - "*Gesta Heróica. Factos e Aventuras da História de Portugal*", Vol. I; Editorial o Livro.

RIBEIRO (Orlando) - "*Geografia e Civilização. Temas Portugueses*", Lisboa, 1961.

II - Revistas

BANDEIRA DE TÓRO - "*O Distrito de Santarém: Concelhos da Barquinha, Constância e Golegã*"; Separata do Jornal Ilustrado "A Hora", Outubro de 1938.

"A HORA (JORNAL ILUSTRADO)". "*O CONCELHO DE ENTRONCAMENTO*" no "*XXIII Aniversário do Concelho do Entroncamento, 24 de Novembro de 1968*". Ano XXXVI, Lisboa, Novembro de 1968, 20 Série, nº 65.

LOPES (Maria Madalena)- "*Entroncamento. O caminho de ferro, factor de povoamento e urbanização*", in "*Boletim do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra*", nº 4/5, 1952.

"NOVA HISTÓRIA"- Direcção de Oliveira Marques; Editorial Estampa; nº 1, Junho de 1984.

"REVISTA NOVA (*Informação Local e Regional*)" - Direcção de Trevas Alberto; nº 3 (Outubro de 1980) e 4 (Novembro de 1980).

"RIBATEJO ILUSTRADO (O)", "*Revista mensal de Turismo, Regionalismo, Actualidades, editada em Santarém*"; Ano II, nº 2, Julho de 1934.

III Jornais

"Entroncamento (O)", Publicação Quinzenal Regionalista (o primeiro jornal com este nome, fundado em 1930), n.º 1 (01/12/1930); n.º 3 (06/01/1931); n.º 6 (15/02/31); n.º 8(15/03/31).

"Entroncamento (O)", Quinzenário Regionalista (Fundado em 24 de Novembro de 1946) - Números 5; 6; 7; 9; 10;12; 14; 16; 17; 564; 579; 602; 654; 661; 677; 775; 875; 927; 939; 940; 960.

"Folha Paroquial" [do Entroncamento], n.º 104 (13/03/1977).

"Notícias do Entroncamento", Semanário Regional (Fundado em 1984) - Números 181; 377; 530; 567.

"Serões de Tancos - Periódico Literário e Recreativo" (1926/27); composto e impresso na tipografia da Escola de Aplicação de Engenharia do Polígono de Tancos (13 números publicados); número consultado: n.º 12, Setembro de 1926.

Nota Final

"(...) e se contudo isto o leytor achar algũa cousa das que eu aqui digo estar menos verificada do que a elle parece, lembre-se que somos homens aos quais é mais próprio o errar que acertar, (...)".

Frei João de São José

Nesta hora em que finalizamos o nosso trabalho, queríamos fazer os seguintes agradecimentos:

- Ao Sr. Pe. Armando Delgado Marques, Rev.^{do} Pároco, que foi, de Entroncamento, e aos Responsáveis Paroquiais que tiveram a amabilidade de me atender, sempre que necessário. Em especial, queria mencionar a Irmã Joana Prudêncio (Responsável pelas alfaias litúrgicas da Igreja da Sagrada Família) e a Sr.^a D. Piedade do Rosário (Responsável pela Capela de São João Baptista, das Vaginhas).

- A Sr.^a D. Susana Estudante pela amável cedência da fotografia para a capa, bem como de vária documentação e informações preciosas.

- Ao casal constituído por D. Fernanda e Sr. Henrique Barral, pelas informações prestadas e pela fotografia de D. Rosalina Pereira.

- Ao Sr. José Carvalho, já falecido, pelas suas informações e pela fotografia do Rev.^{do} Pe. Manuel Caetano.

- Ao Sr. Eduardo O. P. Brito pelos conhecimentos que me transmitiu, pela amabilidade que teve sempre em atender os meus telefonemas e receber-me em sua casa.

- Ao Sr. Armando Rodrigues de Oliveira, por todos os conhecimentos que me facultou e pela sua amizade.

- À Sr.^a D. Maria José Galinha, agradeço a informação sobre a sua tia Berta, que pertenceu à Comissão de Festejos das Vaginhas, em 1913.

- À Sr.^a D Júlia Passos Diniz e a D. Cremilde Bandeja pelas respectivas informações. prestadas.

- Ao Sr. Dr. José Barata António pelas suas explicações e conselhos no que toca ao "Capítulo II - A Origem do Nome".

- Às minhas colegas, Dr.^a Maria Manuel de Sousa Bárbara e Dr.^a Isabel Moura, no que respeita a informações e esclarecimentos sobre a flora da Península Ibérica.

- Ao meu colega, e insígne jornalista, Manuel Fernandes Vicente, pelo empréstimo da colectânea "Revista Nova".

- À Sr.^a Dr.^a Manuela Assunção Poutout pela imprescindível ajuda prestada no que se refere à leitura, verificação e correcção do texto final. Agradeço-lhe, ainda, os muitos esclarecimentos prestados e o empréstimo de muita documentação.

- À empresa "Entrobit", e em especial aos Sr. Osvaldo Lucas e Eng.^o. Luís Ribeiro. Ao primeiro pela composição do texto e auxílio prestado. Ao segundo pelo seu apoio no tratamento de questões burocráticas.

- Por último, mas não menos importante, agradeço a ajuda inestimável e a paciência inesgotável de meu irmão Joaquim José Preto Baptista, sem o qual a feitura deste trabalho não teria sido possível.

Novembro de 2000

Índice Fotográfico

Erva-moura.....	13
Parede de Taipa	27
Casa construída em adobe	28
A Capela reconstruída em 1734.....	32
Retábulo Setecentista	39
Grade da comunhão	40
Cálice e patena	43
Missal Tridentino.....	53
Procissão – Anos 60	64
Pe. Manuel Caetano	66
Chafariz das Vaginhas	70
Taberna do Zé Osgas	73
Casa do Largo das Vaginhas	76
A Capela em 1980.....	83
A Capela degradada.....	84
Capela em reconstrução	84
Missa Campal – 1997	86
Festa de 1997	87
Missa de Festa de S. João/2000	89/90
Procissão de São João/2000	91/92
A Comissão das Festas/2000	93
Pormenores da Capela na actualidade	96/97
Panorâmica geral da Capela hoje	98
Santos da Capela	99
Objectos antigos da Capela.....	100
Apêndice Fotográfico	102/108

Índice Documental

Fac-simile do 1º Registo Baptismal das Vaginhas (1549).....	11
A região das Vaginhas no séc. XVI	17
Cópia do 1º Mapa Topográfico dos Campos da Cardiga	22
Pormenor do 1º Mapa Topográfico.....	23
Eugène Alexis Poitout.....	55
Fases da evolução do Entroncamento.....	58
A Comissão de Festejos de 1913	60
Fac-simile do folheto das Festas (1934).....	61/62
Anúncio comercial	73
Escritura de compra de casa nas Vaginhas	75
D. Rosalina Pereira	76
Planta e projecto de 1974.....	81/82
Manuscrito autógrafo de Júlio Sousa e Costa.....	109

Índice Geral

Dedicatória	5
Prefácio.....	7
Introdução	9
I- O Lugar	11
II - A Origem do Nome.....	13
III- A Localização	16
IV - A Região.....	18
V - A População e suas Ocupações	24
VI - As Habitações	26
VII - A Capela de São João Baptista:	
A) Na " <i>Corografia Portuguesa</i> "	30
B) Nos Inquéritos Paroquiais	33
C) Nas Visitas Paroquiais.....	34
D) No Barroco	37
VIII - As Vaginhas e as Invasões Francesas.....	41
IX - A Bruxa das Vaginhas	48
X - As Vaginhas e o Entroncamento	52
XI - Os Festejos de S. João Baptista das Vaginhas.....	59
XII - As Vaginhas e o Pe. Manuel Caetano	65
XIII - O Chafariz das Vaginhas	68
XIV - Recreio, Ensino e Cultura nas Vaginhas.....	71
XV - A História Recente das Vaginhas.....	79
XVI - A Capela Actual	96
Conclusão	101
Apêndice Fotográfico	102
Bibliografia	110
Nota Final	115
Índice Fotográfico.....	117
Índice Documental	118
Índice Geral	119

